



Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 76 · Nº 823 · €1,90

Dezembro 2015

O ANIVERSÁRIO DO MESSIAS

A Bíblia poderia ajudar-nos a inferir uma data provável para o nascimento do Salvador?

28

O NATAL

O dia 25 de dezembro e a árvore de natal podem ser utilizados para um bom propósito.

32

Especial

Semana de Reavivamento

Chamados para **Servir**

"De graça recebestes, de graça dai." (Mat. 10:8.)



O Poder da Fé!

12

Segredos de Bem-estar

Uma pessoa que precise de tratamento procurará o melhor e o mais eficaz. Confiar num Deus de amor tem um poder curador inegável. Jesus revelou isto

através dos milagres que operou. Pela fé foi restituída a visão aos cegos, os coxos andaram, os mortos foram ressuscitados. Diversos estudos mostram a influência benéfica da fé no sistema imunitário e no processo de cura. Por isso, como é que acedemos a este medicamento? É um dom de Deus e os nossos esforços deviam estar focados em nos ligarmos ao Dador.

A oração é a chave na mão da fé para alcançar bênçãos celestiais. Através da fé no amor de Deus podemos superar medos, lidar com as dificuldades, olhar para além da morte e ansiar pela eternidade! A sua fé pode curá-lo! ❤️

Deus espera-o hoje!

www.secretsofwellness.org



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

150
ANOS

PROMOÇÃO DA SAÚDE



QUEROVIVER.MAIS



Dra. Desislava Gerasimova

Médica
Sófia, Bulgária

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock

E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento

Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



ESPECIAL SEMANA DE REAVIVAMENTO

04 CHAMADOS PARA SERVIR

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

06 A PERSPETIVA VETEROTESTAMENTÁRIA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL > ANTÓNIO CARVALHO

O Antigo Testamento apresenta a responsabilidade social como um princípio de origem divina, ligado a todas as facetas da atividade humana.

09 EU ESTOU COMPROMETIDA COM A MISSÃO. E VOCÊ? > ISABEL RUIVO

A maior dádiva de Deus à Humanidade é o tempo. Como gastamos nós os 86 400 segundos que Ele nos concede diariamente?

12 O SENHOR DOS INVISÍVEIS > JOÃO MARTINS

De imediato, a pergunta parece estar deslocada, se provém de nós, homens e mulheres empenhados na vida comunitária da Igreja.

14 A PERSPETIVA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL NA IGREJA PRIMITIVA > ARTUR MACHADO

Em que consistiu a responsabilidade social da Igreja primitiva, tal como está relatada no livro dos *Atos dos Apóstolos*?

17 REPARADORES DE BRECHAS > JOAQUIM NOGUEIRA

O Evangelho sem ação social concreta é, no mínimo, um Evangelho coxo, que não leva a lado nenhum.

20 ALÍVIO DO SOFRIMENTO NA VIVÊNCIA DO CRISTÃO > CÁRMEN MACIEL

Tenhamos esperança na bendita promessa que nos leva a ansiar por aquele lugar onde não existirá mais tristeza, nem choro ou dor.

22 VISITA AOS ENFERMOS E AOS RECLUSOS > ENOQUE NUNES

O aconselhamento cristão, o apoio da comunidade de fé e a ajuda prática em circunstâncias de enfermidade são desafios para os membros da Igreja de Cristo.

24 O SERVIÇO NA MISSÃO > JÚLIO CARLOS SANTOS

Servir é agir em prol de alguém. Para tal é preciso sair da nossa área de conforto, olhar à volta com um olhar perscrutador que deve ser envolto em solidariedade e terna compaixão.

26 O CUIDADO ESPECIAL PERANTE UMA SOCIEDADE ENVELHECIDA > JOÃO DANIEL FAUSTINO

Que grande desafio para nós Cristãos, hoje, o de deixar que os fundamentos e o estilo de vida do Cristianismo alterem as nossas prioridades, as nossas escolhas e as nossas ações.





Chamados para Servir

Se nos dessem a escolher sermos pobres ou ricos, o que escolheríamos? Se nos dessem a escolher sermos empregados ou patrões, o que escolheríamos? Se nos dessem a escolher servirmos ou sermos servidos, o que escolheríamos? Reconheço que são perguntas tentadoras. A nossa mente faz rapidamente a escolha, sem pensar muito. No entanto, na presença de Jesus não é assim. Jesus não vê como nós vemos. Jesus não sente como nós sentimos. Jesus não age como nós agimos. No coração de Cristo, os valores estão invertidos, quando comparados com os nossos. A mente com tendência para o pecado sobrevaloriza o “eu”. A mente pura e perfeita de Jesus valoriza o “próximo”. Jesus disse que veio, não para ser servido, mas para servir (Mateus 20:28). Um dia, a mãe dos filhos de Zebedeu (Tiago e João) pediu a Jesus que os seus filhos se sentassem um à Sua direita e outro à Sua esquerda. Jesus respondeu-lhe: “E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mateus 20:27). Esta é a lógica do Cristianismo: viver para servir os outros.

Aprender a amar e a perdoar como Deus nos ama e perdoa é a melhor forma que o ser humano

tem de agradecer a Deus. Todos chegamos a Cristo como pecadores, suplicando-Lhe o perdão e dizendo-Lhe que queremos nascer de novo. Queremos começar uma nova vida. Muitos pensam que, ao entregarem a sua vida a Cristo, deixaram completamente de pecar, terão muita saúde, muito dinheiro e serão muito felizes. Caso assim fosse, quem quereria ir para o Céu? O apóstolo Paulo escreveu: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17). Ser uma nova criatura significa que é preciso aprender a ser um servo de Deus unicamente movido pelo Espírito Santo. Ser um servo de Deus não é um título que se ganha, mas sim um modo de vida que se adquire. Quando sentimos o amor de Deus em relação a nós, a nossa resposta natural é tentar corresponder a esse amor incondicional. Para nós, seres humanos, é possível dar sem amar, mas para Deus é impossível amar sem dar (João 3:16). Quando sentimos o amor de Deus sendo derramado na nossa vida, desejamos naturalmente corresponder a esse amor. Como? Servindo.

É um privilégio servir Deus. Existem pessoas que estão sentadas nos

bancos das igrejas para serem servidas e não para servir. O Espírito de Profecia afirma que Deus organizou a sua Igreja para servir e a sua missão é levar o Evangelho ao Mundo. Todos nós fomos chamados para servir! Temos o privilégio de servir Deus. Portanto, não devemos desperdiçar esta oportunidade que Deus nos concede de cooperar com Ele na salvação da Humanidade. Temos uma enorme responsabilidade nas nossas mãos. Deus chama-nos para sermos restauradores de brechas (Isa. 58:6-12). Portanto, o nosso compromisso e a nossa responsabilidade deve ser amar Deus e o próximo como a nós mesmos. Deus confiou-nos esta responsabilidade. Assim, devemos preparar-nos para realizarmos de modo excelente a obra de Deus. É importante saber que os dons que recebemos não são para nós, mas sim para serem colocados ao serviço de Deus. “A luta contra o eu é a maior de todas as batalhas. A renúncia do eu, a sujeição de tudo à vontade de Deus, requer uma luta; mas a pessoa deve submeter-se a Deus antes de ser renovada em santidade” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, p. 29). ✦

• **Pr. António Rodrigues**,
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

dezembro

05	ROIG Centro
05	Dia da Mordomia
06	Dia do Voluntário Adventista
06	ROIG Norte

janeiro

03-10	Semana de Reavivamento
09	Culto Nacional
16	Encontro de dirigentes JA
23	Liberdade Religiosa

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

dezembro

05-09	Associação Belga-Luxemburguesa (FBU)
12-16	Clínica La Lignière (EUD)
19-23	Associação Norte do Reno-Westfália (NGU)
26-30	Associação da Transilvânia do Sul (RU)

janeiro

04-08	Publicadora SerVir (PU)
11-15	Empresa Alimentar Alemã (EUD)
18-22	União do Sul da Alemanha (SGU)
25-29	Associação Eslovaca (CSU)

ANTENA 1  RTP2 

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

21/12	Segunda-feira
24/12	Quinta-feira
11/1	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

06/12	Domingo
31/01	Domingo



BANCO DE LEITURA

Um Amor Maior do que a Morte

Sinais dos Tempos

O banco de leitura deste mês é dedicado à edição especial da revista *Sinais dos Tempos*. Esta revista pretende responder à pergunta: O que acontece depois da morte? Mas não apenas a esta. Dado que a morte é o maior dos males que os seres humanos têm que enfrentar, e dado que a sua existência está intimamente ligada à existência do Mal moral e natural, esta revista *Sinais dos Tempos* irá não apenas expor o que ocorre depois da morte, mas procurará também explicar a própria existência da morte no horizonte



do grande conflito entre as forças do Bem e as hostes do Mal e que está a decorrer no nosso Planeta. Para encontrar uma resposta fidedigna que explique a existência do Mal, e da morte, recorreremos à Bíblia, pois cremos que as Sagradas Escrituras são a maior e a mais esclarecida autoridade sobre ambos os temas que nos propomos abordar. De facto, a Bíblia apresenta nas suas páginas uma explicação para a origem do Mal e da morte que, para além de proceder de uma revelação de Deus à Humanidade, também é eminentemente racional. Sem querer antecipar o conteúdo da revista de que falamos, podemos assegurar que, ao lê-la, irá descobrir que o Mal começou junto do trono de Deus e descobrirá também como se propagou à Terra. Mas não apenas isto. Irá também poder ler sobre como Deus respondeu ao desafio do Mal com um amor maior do que a morte, um amor incondicional e gratuito, que veio vencer as forças das trevas que controlavam a Terra e que veio também criar uma ponte sobre o abismo da morte.

Por tudo isto, caro Leitor, está convidado a obter um exemplar desta *Sinais dos Tempos* especial. Mas não se limite a obter um exemplar e a lê-lo. Pense também em oferecer alguns exemplares às pessoas do seu círculo de influência. Pessoas que certamente têm questões não respondidas sobre o sentido da vida e, sobretudo, sobre o sentido da morte. Ao oferecer esta revista aos seus familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho ou de escola estará a oferecer-lhes esperança. Mais do que isso, estará a oferecer-lhes o conhecimento redentor sobre um Salvador que teve por eles um amor maior do que a morte. ♣

Paulo Lima

Redator da Revista Adventista



Sexta, 1 de janeiro

A perspectiva veterotestamentária da responsabilidade social

ANTÓNIO CARVALHO

O Antigo Testamento apresenta a responsabilidade social como um princípio de origem divina, ligado a todas as facetas da atividade humana. Ela demonstra o cuidado de Deus pelas nossas necessidades, proporciona as condições fundamentais da dignidade, da segurança e do desenvolvimento e é um elemento fundamental da verdadeira espiritualidade.

A responsabilidade social advém do facto de vivermos em sociedade e necessitarmos de interagir uns com os outros de forma responsável e solidária. Ajuda-nos a aprender a praticar o bem e a desenvolver o nosso carácter através de atos solidários que nos conduzem à prática do amor fraternal e nos aproximam do ideal de Deus para o ser humano.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL NO DECÁLOGO

O Decálogo é um texto redigido pelo próprio Deus (Êxo. 31:18) e dele derivam todas as normas escriturísticas que regem a vida pessoal e coletiva do povo de Deus, com especial incidência nas dimensões espiritual e social. Esse texto divide-se em duas partes fundamentais. A primeira apresenta normas que regulam a nossa relação com Deus

na Sua qualidade de Soberano absoluto (Êxo. 20:3-7; Deut. 5:7-11). O seu princípio fundamental é o amor a Deus acima de tudo (Deut. 6:5; 10:12; 30:20). A segunda parte do Decálogo apresenta normas que regulam o relacionamento com o nosso próximo (Êxo. 20:12-17; Deut. 5:16-21), registando os princípios orientadores das relações sociais e definindo a base fundamental da responsabilidade social. Esta par-

te assenta no princípio de amar o próximo como a nós mesmos (Lev. 19:18). A unir as duas partes encontra-se o quarto mandamento, que serve de elemento de transição. Ele regula as práticas relativas ao culto e adoração a Deus e envolve o relacionamento com o nosso próximo (Êxo. 20:8-11; Deut. 5:12-15).

Através do Decálogo percebemos que o modo como nos relacionamos com Deus e atuamos em sociedade tem um impacto direto na vida social e um efeito importante na vida dos outros. Ao satisfazermos as exigências divinas aí expressas contribuimos para a promoção da paz, da segurança, da justiça e do desenvolvimento harmonioso do ser humano no plano individual, familiar e comunitário. A responsabilidade social abarca todos os aspetos da vida.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL NO SEIO DA FAMÍLIA

Decorrente das normas do Decálogo, a família constitui-se na sociedade hebraica veterotestamentária como um agente educativo e social

na primeira linha do desenvolvimento e da aquisição do conhecimento de Deus.

Competia à família educar nos caminhos do Senhor, ensinando aos seus membros a vontade de Deus. Desta forma, o ato educativo constitui-se como responsabilidade social que entende a educação como promotora do crescimento pessoal e coletivo, assim como uma preparação para a vida eterna.

Esta intencionalidade do ato educativo familiar, compreendido como prática de responsabilidade social, está patente, por exemplo, no texto de Deuteronômio 6:5-9. Trata-se de uma responsabilidade que inclui Deus como a prioridade absoluta e implica a partilha do conhecimento adquirido através da experiência pessoal com Ele e a transmissão dos Seus princípios, valores e vontade.

Contudo, a degradação espiritual e a decadência social inerentes ao desenvolvimento do mal geraram situações e necessidades a que a família, por si só, não pode responder eficazmente. Por isso Deus instruiu o Seu povo acerca do que deve ser feito para prevenir, ou fazer face, a situações extremas. A observância dessas normas evita males maiores e situações extremas de pobreza ou exclusão social.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL NO CUIDADO DOS DESFAVORECIDOS

A pobreza pode surgir como resultado de fenômenos naturais (ca-

tástrofes ou alterações climáticas), de fatores sociais (inimigos, opressão, injustiça) ou de fatores pessoais (ambição, falta de economia, de diligência ou de capacidade).

Mas, independentemente dos fatores que a originem, a pobreza é sempre uma consequência do afastamento de Deus e da Sua vontade. Resulta do desenvolvimento do mal que, operando no seio da Humanidade, gera desequilíbrios pessoais, sociais, econômicos, e a ausência de solidariedade, promovendo a desigualdade e a opressão dos mais fracos ou desvalidos.

Face à calamidade espiritual e social que se desencadeou no seio da Humanidade, Deus reconheceu a dificuldade em erradicar a pobreza (Deut. 15:11). Contudo, algo deveria e poderia ser feito. Perante a emergência do empobrecimento e da exclusão social, Deus providenciou meios para minorar os seus efeitos nefastos na sociedade humana. Instruiu o Seu povo para que este aprendesse a agir de forma a que as situações de risco de pobreza e exclusão social pudessem ser evitadas ou, pelo menos, minoradas. Essas instruções, que perpassam todo o Antigo Testamento, sob as mais diversas formas, compreendem regras sociais e econômicas precisas.

Algumas dessas normas regem a vida familiar, por exemplo o direito à proteção familiar (Lev. 25:25, 47-52; Deut. 25:5-10) e à assistência social da comunidade (Lev. 25:35,

39-41; Deut. 14:28 e 29; 15:7-14, 18; 24:10-15, 19-21; 26:12; Isa. 1:17), nomeadamente o acesso às colheitas (Êxo. 23:10-11; Lev. 19:9 e 10; Deut. 23:24 e 25; 24: 19-21).

No domínio económico protege-se a propriedade imobiliária privada (Lev. 25:11-16, 25-34; 27:16-25) para impedir a acumulação excessiva de riqueza (Isa. 5:8; Jer. 5:26-28) e a pobreza extrema, ao mesmo tempo que se incentiva o necessitado a trabalhar para recuperar a sua propriedade e normalizar a sua vida, criando condições de segurança (Lev. 25:18).

O cuidado pelos que empobrecem é assegurado pela interdição de emprestar dinheiro com juros, ou qualquer outro ganho e a obrigação de lhe dar mantimento, sem pretender ganhar com isso (Lev. 25:35-37; Deut. 23:19 e 20).

Seguindo essas instruções, os Hebreus evitariam a pobreza entre eles e contribuiriam para a diminuição da pobreza no mundo. Dessa maneira, Israel tornar-se-ia num agente de bênção e prosperidade para o mundo e demonstraria a superioridade e sabedoria da sua fé e estilo de vida.

Como Israel não esteve sempre à altura do privilégio de colaborar com Deus e assumir a sua responsabilidade social, o próprio Deus fez-Se porta-voz dos mais desfavorecidos (Isa. 1:23; 10:1 e 2) e identificou-Se com eles (Sal. 68:5 e 6; Isa. 58:6-10; ver Mat. 25:31-45), não deixando de anunciar a Sua intervenção para lhes fazer justiça (Isa.



1:24-28; 10:3; Jer. 5:26-29; 49:11; Os. 14:3b), o que nos conduz a outro importante domínio da responsabilidade social: a liderança.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL NA LIDERANÇA

Sobre os líderes impende a solene responsabilidade de dirigir o povo do Senhor nos Seus caminhos. Durante o período da monarquia hebraica essa tarefa foi exercida por reis que governaram e exerceram a função judicial.

O Antigo Testamento associa a responsabilidade social da liderança à qualidade do desempenho dos governantes. Uma má governação implicava sofrer os efeitos nefastos do pecado e as dificuldades surgiam rapidamente, enquanto uma boa governação propiciava paz e prosperidade à nação.

O principal critério de avaliação da liderança era a espiritualidade, refletida na qualidade da relação pessoal do governante com Deus e nas consequentes decisões que tomava e nos atos que praticava. Essa avaliação é frequentemente atestada por frases como “fez o que era reto” ou “fez o que era mau perante o Senhor” (I Reis 15:11, 26, 34; 16:25, 30; 22:43; II Reis 3:2; 8:27; 12:2, etc.), ou outras equivalentes (ver I Reis 15:3; 22:43; II Reis 8:18, 27; 16:2, etc.).

A relação entre a qualidade espiritual dos governantes e a da comunidade dos crentes, protagonizada pela nação hebraica nos tempos veterotestamentários, demonstra à exaustão que existe uma relação direta entre a espiritualidade, a responsabilidade social e a liderança.

Ao compreendermos a existência dessa relação, somos despertados para a importância do modo como conduzimos a nossa vida em todos os seus múltiplos aspetos. À semelhança dos líderes do Antigo Testamento, a nossa conduta de liderança da nossa própria vida tem

um efeito direto sobre nós mesmos e sobre os demais, pois somos todos portadores de uma responsabilidade social que tem efeitos evidentes no domínio espiritual, em nós e nos outros.

RESPONSABILIDADE SOCIAL E REAVIVAMENTO ESPIRITUAL

A qualidade da espiritualidade dos governantes aparece nos textos sagrados intimamente relacionada com a qualidade espiritual da comunidade dos crentes. Os governantes que se aproximaram do Senhor e praticaram o que é reto aos Seus olhos promoveram períodos de reavivamento espiritual e de reforma (I Reis 15:11-15; II Reis 9:1-13, 18-36; 12:1-16).

Os nossos atos podem demonstrar o amor de Deus e ser, dessa forma, uma maneira de testemunhar da fé. Como tal possuem um potencial que não pode ser ignorado pelo povo do Senhor (Deut. 6:6, 8 e 9). Disso mesmo testifica Ellen White quando afirma que apoiar os necessitados dá sentido e poder à verdade (*Special Testimonies, Série A, nº 10*), que ajudá-los é uma demonstração prática da verdade (“The need of medical missionaries”, *Review and Herald*, 4 de março de 1902) e que esse ministério trará vida às igrejas (Manuscrito nº 7, 1908).

Diversas passagens das Escrituras demonstram que a responsabilidade social, por exemplo nos domínios económico e social, está intimamente ligada a Deus e à Sua relação com o Seu povo (Êxo. 20:2-17; 22:23 e 24; Lev. 19:10; 23:22; 25:17 e 18, 23, 38, 42 e 43, 55; Deut. 5:6-21; 10:16-20; 15:1-6; 24:19-22; Isa. 58:6-12; Jer. 5:26-29). A ideia de que a fé pertence apenas ao domínio das crenças está, portanto, longe da verdade.

O Antigo Testamento realça que a fé se manifesta nas ações e no modo como vivemos (Gén. 5:22, 24; 7:1; Êxo. 20:3-17; Deut. 5:7-21; I Reis

9:4 e 5; Job 1:1, 8; 2:3; Prov. 7:2; Isa. 58:6-10; Miq. 6:8; Hab. 2:4). A responsabilidade social apresenta-se assim como um ato de obediência que habilita o praticante a receber as bênçãos de Deus (Deut. 15:1-6; 24:19; Isa. 58:6-11) e está relacionada com o desejo de Deus de que o Seu povo seja santo (Êxo. 19:6) e perfeito (Deut. 18:13).

Os atos de responsabilidade social, nomeadamente a prática da justiça e a ajuda aos necessitados, produzem uma transformação interior que contribui para a santificação do praticante. São um contributo para a promoção da causa do bem, derrubando barreiras, e são mais audíveis e eloquentes do que os melhores discursos dogmáticos acerca da verdade.

O verdadeiro reavivamento espiritual consiste num retorno ao Senhor, mas esse retorno não ocorre apenas no plano das ideias, crenças ou emoções. Também não se limita à oração e ao estudo das Escrituras. De acordo com o Antigo Testamento, o verdadeiro reavivamento espiritual implica assumir a nossa responsabilidade social, envolvendo-nos na prática da beneficência em prol dos desvalidos. ✨

ANTÓNIO CARVALHO
DIRETOR DA REGIÃO ECLESIASTICA NORTE;
PASTOR DAS IGREJAS DE DE ESPINHO, STª.
MARIA DA FEIRA E OLIVEIRA DE AZEMÉIS

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Como considero eu a minha responsabilidade social pessoal?
2. Que necessidades têm as pessoas à minha volta e como posso ajudá-las?
3. De que forma posso desenvolver o meu envolvimento com as causas humanitárias?



Sábado, 2 de janeiro

Eu estou comprometida com a missão.
E você? *Ou* Imitando Jesus. *Ou* “Eu sabia! A Professora é diferente”!

ISABEL RUIVO

Eram mais de setecentos professores que, diariamente, se dirigiam para o pavilhão desportivo no jardim central de Huambo, onde decorria a ação de formação de Português para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. E ali estava eu, rodeada por aqueles jovens, sem saber que a maioria deles era Adventista. No último dia, debruçada sobre a secretária a arrumar o meu material, notei que um grupo enorme de pessoas se dirigia para mim. Vinham para se despedir. O mais velho tomou a palavra e disse: “Professora, queríamos despedir-nos de si. É que nós somos Adventistas do Sétimo Dia e amanhã, sábado, não vamos estar na cerimónia de encerramento.” Não queria acreditar no que ouvia. Levantei a cabeça, os meus olhos focaram aquele homem de tez escura e brilhante e ficaram marejados de lágrimas. Depois de ouvir as suas simpáticas palavras de despedida, disse-lhes: “Sabem, eu também sou Adventista.” Foi então que uma voz vinda do meio do grande grupo gritou: “Eu sabia! A professora é diferente!” Conversámos durante mais algum tempo. Quando chegou a hora de partirem, despedimo-nos, felizes: “Até sábado!”

Nasci numa família não Adventista e não crente. Mas, um dia, uma amiga e vizinha convidou-me para assistir a uma reunião de jovens numa igreja que a mãe dela frequen-

tava. Eu costumava passar os meus sábados no café do Liceu conversando e ouvindo música com os meus amigos. Porém, nesse sábado, Deus tocou o meu coração e eu disse que

sim. E fui com ela. E ouvi. E vi. E chorei. E fiquei para não mais sair, até ao dia de hoje, pela graça de Deus.

Fui crescendo no seio da juventude Adventista da igreja da Amadora e, enquanto jovem, tinha o sonho de ir trabalhar para África, especialmente para Angola. No entanto, só fui a Angola muitos anos mais tarde, já o sonho estava esquecido. E foi aí que vivi a mais bela experiência missionária da minha vida. Decorria o ano de 2003. Estive com três colegas a dar formação de Português a mais de mil professores em duas localidades diferentes. No Huambo, de manhã, tínhamos uma turma de setecentas pessoas e, à tarde, em Quissala, eram trezentas. Muitas foram as peripécias ocorridas nesse país saído de uma guerra que durou mais de trinta anos e que deixou completamente devastada aquela província. Mas a vontade de todos aqueles professores era algo de inacreditável. A sua tenacidade, a sua perseverança, a sua resiliência, sentidas nas nossas conversas no final de cada dia, eram dignas de registo.

Depois de duas intensas semanas de trabalho, o momento da despedida, que descrevi na introdução desta mensagem, foi de tal maneira intenso que os olhos e os sorrisos de agradecimento daquelas pessoas jamais sairão da minha cabeça!

Deus precisa de cada um de nós, enquanto discípulos que imitamos Jesus. Deus não obriga, não impõe, mas capacita-nos quando estamos receptivos ao Seu chamado. Ser um membro leigo é ser um discípulo de Cristo, quer sejamos professores, pescadores, advogados, pedreiros, médicos ou tenhamos qualquer outra profissão. Ser leigo comprometido com a missão de Cristo é

ser autenticamente um Cristão, um imitador de Cristo, no seu local de trabalho aquém ou além-fronteiras.

Muito recentemente, numa recolha de alimentos da ADRA, eu, entre outros voluntários, estava com um menino de cinco anos num supermercado. Ele também vestia uma *t-shirt* da campanha. Ficava-lhe grande, mas dava-lhe um ar engraçado, patusco. A sua cara transparecia tamanha felicidade que se ouviam ao longe as suas gargalhadas enquanto brincava com um carrinho, esperando que as pessoas entregassem os sacos com alimentos que ele carregava alegremente para a caixa. Uma senhora

parou ao pé de mim e quis conversar: “Não posso ficar indiferente a estas gargalhadas, à alegria deste menino. Quem são vocês? Não conheço a ADRA.” A conversa foi longa e esta senhora soube que aquele menino era filho de uma família carentiada ajudada pela ADRA e que eu era uma professora, voluntária como todos os outros. “Não costumo ajudar as instituições que não conheço porque nunca sei se o que damos é verdadeiramente para as pessoas que necessitam. Como sabe, há muita mentira no meio destas coisas. Mas as gargalhadas deste menino só podem ser de uma criança que é amada e bem-tratada.



Vocês devem ser extraordinários. Parabéns!” A conversa prolongou-se durante muito tempo. A senhora foi comprar imensas coisas para nos dar e no fim despediu-se com a voz embargada, comovida pelo que soube da ADRA e daquele menino que estava ali connosco.

Creio que é este o trabalho que Jesus faria. Acredito que Jesus não hesitaria em vestir uma *t-shirt* e estar um dia inteiro num peditório da ADRA. Esta senhora sentiu que somos diferentes. E seremos, sempre que imitarmos Jesus.

Quando o Senhor falou a Filipe – episódio narrado em Atos 8:26-40 – e lhe disse: “Dispõe-te e vai para o

lado do sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza”, o que fez Filipe? O que disse Filipe? O que respondeu Filipe ao Senhor? Apenas nos é dito que “Ele [Filipe] se levantou e foi”. Havia uma missão para este homem precisamente naquele caminho. O Senhor sabia que “um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes”, estava a passar por ali e precisava de encontrar alguém que lhe falasse de Jesus. Porque Deus é o nosso Pai e sabe todas as coisas antes de elas acontecerem, Deus sabia que ali, naquele dia, àquela hora, naquele local, estava uma alma disponível para compreender o Seu amor. Este eunuco, depois de ouvir a explicação de Filipe sobre o que estava a ler do profeta Isaías, acreditou e foi batizado. Neste episódio de Filipe e do eunuco podemos ver uma experiência maravilhosa de serviço, de missão, que se cumpre nas palavras de Jesus em Mateus 28:19, quando diz aos discípulos: “Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”

Tal como Filipe, nós também podemos envolver-nos com a missão. E não precisamos de pensar em coisas muito complexas. Precisamos apenas de nos sentir envolvidos, vivos, em movimento, em ação. As águas paradas estagnam, apodrecem. Mas a água que corre pelos rios, que se passeia na foz ou se deleita nos lagos, é uma água viva que permite o nascimento e o crescimento de organismos dentro de si.

Às vezes podemos não compreender verdadeiramente o sentido da missão, mas é nesta altura que devemos obrigar-nos a refletir, a recomençar, a inventar e a reinventar novas estratégias e abordagens, deixando-nos usar por Jesus.

Quando lemos a parábola do semeador (Mateus 13:1-9), compreendemos que a nossa missão é semear e que podemos não colher. A semente cai em terrenos diferentes, nuns cresce, noutros, não. Jesus

falou à multidão por parábola, mas ensinou-lhes o essencial da missão. Eles perceberam. E nós? Devemos ser impelidos a semear, ainda que o terreno não nos pareça fértil. Somos semeadores na seara do Senhor e devemos semear com alegria, não permitindo que fiquemos desmobilizados por força de não colher.

No nosso local de trabalho, onde somos “diferentes”; em casa, onde somos pais; na escola, onde somos colegas e amigos; no prédio, onde somos vizinhos; é nesse “terreno” que devemos semear, imitando Jesus. A colheita, essa, conhecê-la-emos no grande dia da volta do Senhor.

Quer comprometer-se com a missão? Como pode potenciar os talentos e os dons que Deus lhe confiou? A maior dádiva de Deus à Humanidade é o *tempo*. Como gastamos nós os 86 400 segundos que Ele nos concede diariamente? Vale a pena refletir sobre isto!

Deus espera somente um *sim* da nossa parte e tudo o resto será feito em parceria com Ele. ✨

ISABEL RUIVO
PROFESSORA; MEMBRO DA IASD AMADORA

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Jesus disse aos Seus discípulos: “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim” (João 14:1). Neste mundo conturbado e em crise, reveja as suas amizades e procure alguém a quem possa dar esta mensagem de paz e de esperança. Ore com o seu grupo sobre esse plano.
2. Que estratégias e tipos de abordagem acha mais adequados para falar a quem não conhece Jesus, considerando a sua profissão, o seu perfil enquanto cristão comprometido com a missão? Fale um pouco sobre o tema com o seu grupo.



Domingo, 3 de janeiro

O Senhor dos invisíveis

JOÃO MARTINS

Alguma vez já passou por um local cheio de gente, onde parecia que ninguém se apercebia da sua presença? Por exemplo, ao atravessar uma praça movimentada de uma cidade desconhecida, ao circular numa estação de comboio em hora de ponta ou ao deslocar-se de um terminal para outro num grande aeroporto! Qual foi a sensação? Nos dias que vivemos “muitos correm de uma parte para a outra” (Dan. 12:4) e com frequência estamos rodeados por multidões sem que ninguém nos dirija uma palavra ou sequer olhe para nós.

Lembro-me do primeiro dia em que comecei a trabalhar na ADRA. Cheguei a Angola, um jovem com 23 anos, num momento em que o país atravessava um momento de guerra civil com muitas pessoas que tinham de fugir das suas terras, das suas casas, e deslocar-se para campos de deslocados, onde pudessem viver em segurança, apesar das más condições existentes. No dia em que cheguei fui visitar alguns desses campos a cerca de 20 quilómetros de Luanda. Tínhamos de viajar por uma estrada movimentada. Apenas tinha uma faixa para cada lado, mas os carros deslocavam-se constantemente numa e noutra direção. Havia vários

cruzamentos com viaturas a entrar e a sair dessa estrada principal. O que mais impressionava era a quantidade de gente que circulava a pé pelas bermas e, frequentemente, atravessava para o outro lado, sempre colocando a sua vida em risco. Na nossa viagem deparámo-nos com algo que nunca esquecerei. Uma mulher jazia morta no meio da estrada, provavelmente vítima de atropelamento e os carros passavam ininterruptamente ao lado do corpo, sem que ninguém parasse. Também nas bermas, as pessoas circulavam, indiferentes ao corpo que ali estava abandonado. Visitámos o campo, onde estivemos cerca de duas horas, e regressámos à cidade. Por

impressionante que possa parecer, o corpo ainda se encontrava no mesmo local, com carros e pessoas a circular, tendo apenas um pequeno lençol por cima, que o tapava. Naquele dia, vi muitas coisas diferentes do que estava habituado, vi muitas pessoas que viviam na mais abjeta pobreza, mas o que me ficou na memória foi a indiferença de todas as pessoas que passavam por um corpo morto, no meio de uma estrada movimentada. Ali estava aquela mulher morta, um corpo sem vida, totalmente ignorado, invisível!

Nesta sociedade egocêntrica e individualista em que vivemos, na qual as pessoas comunicam mais de modo virtual ou através dos seus *smartphones* e outros *gadgets* do que olhos nos olhos, é muito frequente tornarmo-nos invisíveis no meio da multidão.

Quando Jesus exerceu o Seu ministério neste mundo, era frequentemente seguido por multidões que procuravam ouvir as Suas palavras de sabedoria. Certo dia, quando Se deslocava para acudir à filha de Jairo (um dos principais da sinagoga), que jazia no leito da morte, a multidão era tan-

ta que o comprimia. Esta não era uma multidão diferente das multidões de hoje. Cada indivíduo tinha uma história, uma vida, uma razão para estar perto de Jesus. E Ele é a melhor razão para reunir uma multidão. Mas esta turba de gente que o seguia também estava cheia de pessoas invisíveis. Muitos ignoravam o seu próximo e procediam de acordo com as suas pretensões, não dando atenção ao que os rodeava. No meio da multidão, Jesus levanta a voz, com uma pergunta absolutamente inusitada: “Quem tocou nas minhas vestes?” (Mar. 5:30.) Pergunta estranha, esta. Estava a ser apertado pela multidão e ainda assim perguntou quem Lhe tinha tocado nas vestes. É exatamente esta estranheza que os discípulos verbalizam: “Vês que a multidão te aperta, e dizes: 'Quem me tocou?’” (Mar. 5:31.) Na realidade, aquele era um toque especial. Um toque de fé, que não se vê. Um toque de alguém invisível. A mulher, de quem nem sabemos o nome, tão invisível era, foi curada imediatamente da sua hemorragia crónica, mesmo antes de Jesus perguntar quem Lhe havia tocado. De repente, e diante de toda aquela gente, a mulher assumiu a sua fé e a sua necessidade de tocar Jesus. Acabou a invisibilidade. Para Jesus, o Deus incarnado, não há invisíveis!

Na verdade, logo no início do Seu ministério, quando Jesus abriu o livro do profeta Isaías diante da Sua sinagoga, em Nazaré, apresentou claramente a Sua missão como Senhor dos invisíveis: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor” (Luc. 4:18 e 19). Ao apresentar esta profecia messiânica proveniente de Isaías 61, Jesus poderia ter optado por qualquer outro aspeto da Sua messianidade. Poderia ter referido os Seus ensinamentos que ser-

iriam de pão da vida para as nações, poderia ter referido o Seu poder para aclamar tempestades, ressuscitar mortos ou limpar o templo, poderia mesmo apresentar a Sua missão de vir morrer pela Humanidade caída para a salvar. Mas não, preferiu apresentar a Sua missão como sendo a de Quem vinha socorrer os aflitos, curar os enfermos, trazer justiça aos injustiçados, promover a liberdade no meio dos grilhões e trazer esperança onde esta não existia. Jesus mostrou que a Sua missão era ser o Senhor dos invisíveis.

Aqueles que a sociedade marginalizava, como os leprosos escorraçados das suas terras, os que viviam, sem esperança, da caridade, em particular os cegos ou os coxos, aqueles que eram perseguidos ou acusados, como os publicanos ou as prostitutas. Todos recebiam a atenção deste Rabi, supremo mestre que simbioticamente harmonizava a Sua prática com os Seus sábios ensinamentos.

Este mesmo Jesus, supremo exemplo para cada um de nós, ao pregar o Seu Sermão profético, depois de apresentar os sinais do tempo do fim e a necessidade de vigilância, revelou, através de uma parábola, as características dos salvos que virá buscar. Curiosamente, a distinção entre salvos e perdidos não é apresentada como estando ligada a questões doutrinárias, de comportamento ou de erudição, mas ao facto de olhar a necessidade do outro, resultante de uma transformação que vem do Alto. “Então, dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me” (Mateus 25:34-36). É interessante verificar a surpresa dos salvos e dos perdidos perante os resultados da se-

leção. Esta surpresa advém do facto de esta preocupação com a necessidade do outro ser o resultado espontâneo de uma vida de santidade.

Esta é uma parábola escatológica. Está incluída na narração referente aos últimos dias. Por essa razão, acreditamos que hoje se aplica de forma especial a cada um de nós. O que o Senhor Jesus nos pede é que possamos ser o povo que está atento aos invisíveis. Que possamos agir como Ele agiu numa atitude de compaixão e amor desinteressado pela Humanidade. Ellen White instrui-nos: “A indiferença pelos ais da Humanidade deve ceder lugar ao interesse vivo nos sofrimentos alheios. As viúvas, os órfãos, os enfermos e os que estão a perecer necessitam sempre de ajuda” (*Beneficência Social*, p. 26).

Somos chamados a ser imitadores de Cristo e, como tal, a não passarmos por este mundo indiferentes aos que nos rodeiam, mas com um olhar atento que possa ver a necessidade daquele que está à nossa volta. Como Igreja e como crentes, temos a responsabilidade de contrariar a tendência egoísta da Humanidade e revelar um interesse genuíno e sincero pelas necessidades “destes meus pequeninos irmãos” (Mat. 25:40). Estes que passam pelas multidões como invisíveis precisam de nós, os “benditos de meu Pai”. ✍

JOÃO MARTINS

DIRETOR EXECUTIVO DA ADRA EUROPA
E ADRA PORTUGAL

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Que tipo de invisíveis encontra ao seu redor?
.....
2. Já alguma vez se sentiu invisível?
.....
3. Como pode ajudar concretamente os invisíveis da sua sociedade?



Segunda, 4 de janeiro

A perspectiva da responsabilidade social na Igreja primitiva

ARTUR MACHADO

Quando analisamos os escritos do Novo Testamento, em particular o livro de Atos e as epístolas, notamos que os apóstolos procuraram, na sua pregação e nos seus escritos, dirigir a atenção das comunidades cristãs para dois aspectos fundamentais. O primeiro foi o ensino da fé, que consistia no anúncio do Evangelho, na transmissão da mensagem bíblica, a partir do evento principal que foi a vinda de Cristo ao mundo e a concomitante possibilidade de salvação aberta a todos os que creem.

O segundo aspecto incidiu na ética cristã, isto é, na forma prática de viver essa salvação no dia-a-dia. No Cristianismo, estes dois aspectos – conhecimento teórico e Ética – são indissociáveis na experiência do crente. Não se pode ter um conhecimento teórico da salvação, sem que isso corresponda a uma atitude concreta na vida. E a experiência cristã, por sua vez, está relacionada com a totalidade da existência humana em todos os seus domínios, entre os quais está o domínio da responsabilidade social. Neste sentido vamos examinar em que consistiu a responsabilidade social da Igreja primitiva, tal como está relatada no livro dos Atos dos Apóstolos.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO REABILITAÇÃO

A ação social da Igreja primitiva não aparece, nem é descrita, como um apêndice da missão da Igreja, mas sim como parte integrante da mesma, cujo objetivo é a redenção humana, isto é, a restauração do Homem à condição querida por Deus no momento da sua criação.

Os discípulos tinham observado que, no Seu ministério, Jesus tinha conjugado a pregação com o restabelecimento da saúde e com o alívio de situações degradantes naqueles com quem Se encontrou. Através dos Seus ensinamentos, Jesus chamou a atenção dos discípulos para o princípio veterotestamentário do cuidado para com os pobres,

as viúvas, os órfãos, os afligidos. Vários milagres de Jesus foram realizados com o objetivo de reverter situações sociais que condenavam famílias à pobreza extrema e ao desespero. A ressurreição do filho da viúva de Naim ilustra justamente uma dessas situações, em que Jesus devolveu a uma pobre viúva o único elemento familiar que poderia ser o seu amparo financeiro e social. Uma das advertências deixadas por Jesus aos Seus discípulos foi: “Os pobres sempre os tereis convosco” (Mar. 14:7), assinalando dessa forma que a Igreja teria de ter sempre na sua missão uma perspectiva social.

Nesse sentido, quando o livro de Atos fala da ida de Pedro e João ao Templo para orar (Atos 3:1-10), menciona que encontraram um homem coxo de nascença. Estes dois discípulos não puderam ficar indiferentes diante do quadro a que assistiam e, por isso, libertaram aquele homem da sua doença e, dessa forma, colaboraram para que este homem fosse integrado na sociedade. Esta ação destes dois apóstolos interpela-nos na atualidade.

Há sem dúvida momentos em que a ação social da Igreja deve fazer face à necessidade imediata e isso traduz-se muitas vezes por uma ajuda material, por um fornecimento de bens de primeira necessidade, como sejam alimentos, vestuário ou dinheiro para assistir a determinadas situações. Vemos isso também espelhado na ação da Igreja primitiva. Há porém um outro campo mais importante da ação social, que visa um objetivo mais abrangente, que é o de procurar reverter as situações e as circunstâncias que levaram alguém à condição de pobreza, capacitando a pessoa a adquirir os meios próprios que lhe permitam levar por diante a sua vida. Isso faz-se dando à pessoa meios, como, por exemplo, uma formação adequada que a ajude a ter uma profissão ou a superar um *handicap*, permitindo-se que a pessoa consiga gerir doravante a sua vida.

Por isso, Pedro e João, naquela tarde, foram mais além e concede-

ram a este homem coxo a reabilitação necessária que o levaria a poder trabalhar, recuperando assim a sua dignidade, o seu estatuto social e a sua integração na sociedade.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO MINISTÉRIO

Um segundo aspeto que sobressai da atuação da Igreja primitiva é que esta procurava, na sua Ética social, viver segundo os princípios e ideais bíblicos enunciados pela *Torah*. Por um lado, procurava assistir às necessidades dos pobres, segundo o que estava prescrito (Deut. 15:7, 11); por outro lado, procurava, na sua comunidade, atingir o ideal de erradicar tanto quanto possível a pobreza (Deut. 15:4 e 5). O livro de Atos assinala mesmo que, graças às ofertas de pessoas consagradas, nas quais habitava o Espírito de Deus, como era o caso de Barnabé, houve um momento em que não houve necessitados entre essa comunidade (Atos 4:34 e 35).

A expansão do Evangelho e o consequente aumento de crentes voltou a trazer vários necessitados à Igreja. No sexto capítulo do livro de Atos lemos que, ao crescer o número de crentes, houve uma reclamação dos judeus cristãos de origem helénica, isto é oriundos da Diáspora, porque as suas viúvas eram desprezadas no auxílio que era facultado pela Igreja e não eram tratadas da mesma forma que as viúvas originárias da Judeia. É neste contexto que foram escolhidos os sete diáconos, entre os quais estava Estêvão. O que é interessante no relato bíblico é a palavra que é escolhida para designar essa assistência que era prestada às viúvas. A palavra em causa é *diakonia* que traduzimos geralmente por “serviço”. E embora a palavra seja utilizada para indicar o serviço às mesas, ela tem no livro dos Atos outros significados e usos. Encontramos esta palavra oito vezes, em contextos diversos, como o de participação no ministério e na liderança em favor da comunidade cristã.





Em Atos 1:17 e 25 a palavra aparece associada à escolha de um homem para substituir Judas. Aqui em Atos 6 *diakonia* está também associada ao anúncio do Evangelho, denominado como “ministério da palavra”.

No mesmo livro de Atos, nos capítulos 11 e 12, após a profecia de Agabo sobre uma fome na Judeia, os discípulos em Antioquia uniram-se para enviarem socorro aos irmãos na Judeia. E essa ação é mencionada usando-se a palavra *diakonia*. Quando Lucas resume a vida de Paulo, descrevendo-a como um ministério de pregação, emprega a mesma palavra (Atos 20:24; 21:19).

Resumindo, em seis das oito ocorrências desta palavra no livro de Atos, o seu significado é o de ministério e de liderança na proclamação de Deus e do Evangelho. Porém, a palavra aparece também associada ao apoio social, ao ministério em favor dos pobres e desfavorecidos. Isto mostra que, para a Igreja primitiva, a obra social não era um apêndice da missão da Igreja, mas estava no centro dessa missão.

E, no cumprimento dessa missão, Deus conferiu dons e talentos

a pessoas que pudessem cumprila, aliviando o sofrimento de outras. Foi o caso dos sete diáconos escolhidos pela Igreja de Jerusalém e foi também o caso de Dorcas, cujo ministério único em favor dos desfavorecidos apenas foi interrompido pela sua doença e morte. E Deus realizou na vida desta mulher um milagre extraordinário de ressurreição, por intermédio do apóstolo Pedro, porque o ministério dela era imprescindível para a Igreja. O livro *Atos dos Apóstolos* diz a esse propósito: “Dorcas fora de grande utilidade à Igreja, e Deus quis trazê-la da terra do inimigo, a fim de que a sua habilidade e energia pudessem ainda ser uma bênção para outras pessoas, e que também por essa manifestação do Seu poder a causa de Cristo se fortalecesse” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 73).

CONCLUSÃO

Como vimos resumidamente, a missão da Igreja primitiva incluía o ministério social de apoio aos mais desfavorecidos. Esse ministério era e é a missão da Igreja, conjun-

tamente com outros ministérios, como o ministério da saúde, o ministério da educação ou o ministério da família, entre outros. Porque o ministério social é também o ministério da redenção. Na execução desse ministério, a Igreja primitiva enfrentou obstáculos e desafios: o preconceito étnico, a existência insuficiente de recursos humanos e materiais para fazer face às solicitações, incompreensões de dentro e de fora, mas, apesar de tudo, a Igreja prosseguiu também com esse aspecto da missão. E nós fazemo-lo também porque, mais do que nunca, esse aspecto da missão continua a ser necessário, como o demonstram os acontecimentos que neste momento sacodem o nosso país e a Europa. As palavras de Jesus continuarão a ecoar na missão da Igreja: “Os pobres sempre os tereis convosco.” E, tal como aconteceu com a Igreja primitiva, essas palavras são a motivação para uma Ética cristã consequente. “O verdadeiro cristão é amigo dos pobres. Ele trata com o seu irmão perplexo e desafortunado como se trata com uma planta delicada, tenra e sensível” (Ellen G. White, *Beneficência Social*, p. 168). ♣

ARTUR MACHADO
SECRETÁRIO DA UPASD

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Em que medida posso eu colaborar com a minha igreja local para fornecer meios e ferramentas que contribuam para uma integração dos desfavorecidos na sociedade?
2. Que novos ministérios de apoio social poderiam ser desenvolvidos pela Igreja nacional, e local?



Terça, 5 de janeiro

Reparadores de brechas

A obra social e o Espírito de Profecia

JOAQUIM NOGUEIRA

“**N**aquele dia tornarei a levantar o tabernáculo de David, que está caído, e repararei as suas brechas, e tornarei a levantar as suas ruínas, e as edificarei como nos dias antigos” (Amós 9:11).

Desde que a desobediência entrou no mundo, o sofrimento e a morte surgiram como consequência do pecado. Este não era nem o propósito nem o plano do Criador para os seres humanos. Deus sofre com a miséria humana.

Na Sua onisciência, o Senhor preparou um caminho para a redenção do Homem. Um Salvador haveria de surgir para indicar o rumo e para redimir os habitantes deste pequeno planeta Terra.

Que plano é este? Restaurar a imagem de Deus no Homem. Mas como? Através da reparação das brechas abertas. Para tal, Deus chamou um povo e organizou a Sua Igreja.

Mas a missão da Igreja não é anunciar o Evangelho? Certamente, mas no seu âmbito polifacetado.

Frequentemente fala-se em pregar o Evangelho como se isso consistisse apenas numa transmissão de ideias, teorias, crenças, filoso-

fias, doutrinas... Contudo, o Evangelho anunciado por Cristo, a Boa-Nova, é:

- 1º Proclamar as boas-novas aos pobres.
- 2º Dar a libertação aos cativos.
- 3º Restaurar a vista dos cegos.
- 4º Pôr em liberdade os oprimidos e, claro está...
- 5º Proclamar o ano aceitável do Senhor (Lucas 4:18 e 19).

O Senhor, através do profeta Isaías, adverte-nos ainda: “Seria esse o jejum que eu escolhi? O dia em que o homem aflija a sua alma? Consiste porventura, em inclinar o homem a cabeça como junco e em estender debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isso jejum e dia aceitável ao Senhor? Acaso não é este o jejum que escolhi? Que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? E que deixes ir livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão

com o faminto, e recolhas em casa os pobres desamparados? Que vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará. E a tua justiça irá adiante de ti; e a glória do Senhor será a tua retaguarda. Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo, e o falar iniquamente; E se abrires a tua alma ao faminto, e fartares o aflito; então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia” (Isa. 58:5-10).

Ellen G. White dedicou inúmeras páginas à questão dos deveres sociais da Igreja. Em *Testemunhos para a Igreja*, na *Review and Herald* e através de variados manuscritos, Ellen White apela à Igreja para que cumpra esta tão importante faceta do Evangelho Eterno. Num primeiro texto da sua autoria, referente a Isaías 58, lemos: “Lede cuidadosamente este capítulo e compreendei a espécie de ministério que levará vida às igrejas... O santo trabalho do Mestre era um trabalho de benevolência” (Manuscrito 7, 1908).

Num outro contexto, a serva do Senhor explica a razão pela qual muitos Cristãos e muitas igrejas estão em declínio espiritual, indicando de modo simples o caminho a percorrer.

“A razão pela qual o povo de Deus não é mentalmente mais espiritual, e não tem mais fé, é porque, foi-me mostrado, está estreitado pelo egoísmo... Não é a abundância das vossas reuniões que Deus aceita. Não as numerosas orações, mas a prática do bem, o fazer as coisas certas no tempo certo. E o ser menos egoísta e mais benevolente” (*Testimonies for the Church*, vol. 2, pp. 35 e 36).

Ser um verdadeiro Cristão, ser religioso, não consiste em compreender um conjunto de pressupostos doutrinários, ou mesmo ser um assíduo frequentador dos serviços religiosos da sua igreja. Vai muito além disso. A verdadeira religião é, no dizer de Tiago, o cuidado dos desfavorecidos. “A religião pura e

imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo” (Tia. 1:27). Por isso, Ellen White escreve: “Somente pela manifestação de interesse altruísta pelos que estão em necessidade é que podemos dar uma demonstração prática das verdades do Evangelho... Na pregação do Evangelho está incluído muito mais do que meramente fazer sermões. Deve esclarecer-se o ignorante, erguer-se o desanimado, os enfermos devem ser curados” (*Review and Herald*, 4 de março de 1902). Isaías diz ainda: “E os que de ti procederem edificarão as ruínas antigas; e tu levantarás os fundamentos de muitas gerações; e serás chamado reparador da brecha, e restaurador de veredas para morar” (Isa. 58:12).

Este texto de Isaías 58 tem duas advertências e muitas bênçãos, muitas promessas. Não será por acaso

que o Sábado e a solidariedade com os desfavorecidos são associados num mesmo texto. A observância do dia santo de Sábado é importante, é uma brecha que foi aberta e que deve ser reparada, e nós aí nos afirmamos plenamente como Igreja. Contudo, não menos importante é a primeira parte do texto do profeta. Não devemos negligenciar este tão importante plano anunciado por Jesus em Lucas 4. A ação em favor dos desfavorecidos, dos oprimidos e dos sofredores é a missão importante da Igreja Adventista. Fala-se frequentemente em “Verdade Presente”, procurando-se nova emoção na proclamação das verdades eternas, num ou noutro ponto de doutrina, particularmente quando a Igreja parece esmorecer e entrar numa rotina sem vida, mas o plano de Cristo é sempre, e sê-lo-á sempre, até que Ele venha, um elemento vivificador do povo de Deus quando coloca em prática o que o Mestre ensinou. “A





verdadeira simpatia entre o homem e o seu semelhante deve ser o sinal distintivo entre os que amam e temem Deus e os que são indiferentes à Sua Lei. Quão grande a simpatia que Cristo manifestou ao vir a este mundo para dar a Sua vida em sacrifício por um mundo a perecer! A Sua religião levou-O à prática de genuíno trabalho médico-missionário” (Manuscrito 117, 1903). Entenda-se por “trabalho médico-missionário” toda a espécie de ato de caridade, seja de ordem material, psicológica, médico-sanitária ou espiritual. Não possui o homem uma vida física, mental, espiritual e social?

À mulher de César não basta parecer. É necessário sê-lo de verdade, no concreto, na vida prática. “A verdadeira piedade é medida pela obra realizada. A profissão nada é; nada é a posição; um caráter semelhante ao caráter de Cristo é a evidência que precisamos de apresentar, de que Deus enviou o Seu Filho ao mundo” (*Review and Herald*, 15 de outubro de 1901). A missão da Igreja é servir a Humanidade, e tudo o mais será acrescentado... “O trabalho fiel é mais aceitável a Deus do que o mais zeloso culto revestido da mais pretensa santidade. O verdadeiro culto é o trabalho junto com Cristo. Orações, exortação e palestras são frutos baratos, frequentemente artificiais; mas os frutos que se

manifestam em boas obras, no cuidado dos necessitados, dos órfãos e das viúvas, são frutos genuínos, e produzem-se naturalmente na boa árvore” (*Testimonies for the Church*, vol. 2, p. 24).

Nem sempre somos bem recebidos e nem sempre nos agradecem. A gratidão está a desaparecer da face da Terra, mas não deve ser essa a nossa desculpa para sermos pouco ativos no apoio social. “Muitas vezes os nossos esforços por outros podem ser desconsiderados e aparentemente perdidos. Mas isto não deve constituir-se motivo para nos mostrarmos cansados de fazer o bem. Quantas vezes não tem vindo Jesus buscar frutos nas plantas do Seu cuidado, e não tem encontrado senão folhas! Podemos ficar desapontados quanto aos resultados dos nossos melhores esforços, mas isto não nos deve levar ao indiferentismo para com os ais alheios e a nada fazer” (*Testimonies for the Church*, vol. 3, p. 525).

As condições da vida moderna, com todo o conjunto de bens e de conforto que nos cercam, cria em nós e nos nossos filhos um espírito que está longe do espírito de Cristo, tal como expresso em Filipenses 2. Ellen White adverte-nos, mostrando que, quanto mais possuímos, maior perigo há em nos afastarmos de Cristo e da verdadeira missão re-

ligiosa. “Pelo que me tem sido mostrado, os observadores do Sábado estão-se tornando mais egoístas, ao aumentarem em riquezas. O seu amor por Cristo e pelo Seu povo está decrescendo. Não veem as privações dos necessitados, nem lhes sentem as dores e tristezas. Não compreendem que, ao descurar os pobres e sofredores, negligenciam Cristo e, ao aliviar-lhes tanto quanto possível as necessidades e padecimentos, servem Jesus... Estou familiarizada com pessoas que fazem elevada profissão, cujo coração está tão encerrado no amor-próprio e no egoísmo, que não podem apreciar o que escrevo. Pensam apenas na sua própria vida e vivem só para si mesmas. Sacrificar-se para fazer bem aos outros, prejudicar-se para beneficiar outros, para elas está fora de cogitação. Não têm a mínima ideia de que Deus requer isso delas. O “eu” é o seu ídolo” (*Testimonies for the Church*, vol. 2, pp. 22-24).

Difícil é ao ser humano despojar-se do que pensa ser seu. O encontro do jovem rico com Jesus é bem prova disso.

O Evangelho sem ação social concreta é, no mínimo, um Evangelho coxo, que não leva a lado nenhum. ✦

JOAQUIM NOGUEIRA

DIRETOR DO SERVIÇO DE ESPÍRITO DE PROFECIA DA UPASD; DIRETOR DA REGIÃO ECLESIASTICA DE LISBOA E VALE DO TEJO; PASTOR DAS IGREJAS DE AMADORA, BRANDOIA, REBOLEIRA E TORRES VEDRAS

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Em que consiste a missão da Igreja?
.....
2. Quais são as grandes linhas de ação propostas por Cristo?
.....
3. Porque devemos preocupar-nos com os desfavorecidos?



Quarta, 6 de janeiro

Alívio do sofrimento na vivência do Cristão

CÁRMEN MACIEL

Analisar a perspectiva cristã sobre o sofrimento humano nas suas diversas formas (física, psíquica e espiritual) torna-se num imperativo atual, pertinente e de interesse multidisciplinar, apesar da complexidade e da controvérsia associada ao tema. Questões sobre a base e o sentido do sofrimento que atinge a Humanidade, ou ainda sobre a razão pela qual continua a existir dor e aflição, depois de Jesus ter morrido e ressuscitado para garantir a salvação do Homem, têm acompanhado toda a nossa existência, perpassando séculos e desafiando filosofias clássicas e modernas.

Do princípio ao fim da nossa peregrinação por esta Terra, a experiência do sofrimento acompanha-nos e vai delimitando o seu lugar na nossa vida, nas mais diversas circunstâncias e sob as mais variadas formas. É praticamente impossível, ao longo da nossa existência, que não tenhamos algum problema de saúde, que não soframos algum acidente, que nunca tenhamos um desgosto amoroso ou, por exemplo, que não assistamos à morte de um ente querido. Para além dessas prováveis experiências, sabe-se que o simples facto de se antever sofrer no futuro ou a memória de-

primente de se ter sofrido no passado podem igualmente ser motivos de infelicidade.

Ainda que aceitemos que o sofrimento faz parte da condição humana, não podemos deixar de reconhecer que o mesmo pode causar perturbação e opressão; gerar instabilidade, incompreensão e revolta; ferir o ser humano; e pôr em causa a sua identidade e integridade. “A situação complica-se na nossa sociedade porque esta nos convenceu de que todos teríamos de ser felizes. Ainda que ninguém nos garanta o direito à felicidade, são muitas as instâncias que nos

bombardeiam com a publicidade de que a satisfação está ao alcance de todos, imediatamente, e com um esforço mínimo” (Roberto Badenas, *Enfrentar a Dor*, pp. 27 e 28, Ed. PSeVir). Contudo, a realidade nem sempre se compadece dos nossos desejos.

Perante este facto incontornável, o que muitas vezes nos inquieta é saber como, quando e onde encontrar estratégias para enfrentar o sofrimento com realismo e dignidade, ultrapassando as marcas que nos imprime, e encontrando alívio.

Para uma melhor compreensão do tema importa que exploremos (ainda que amiúde, porque a economia deste artigo mais não nos permite) o conceito do sofrimento e o sentido que a Bíblia lhe atribui.

De forma resumida, podemos explicar o sofrimento a partir de duas perspetivas que, apesar de autónomas, não se excluem: a subjetiva e a objetiva. Subjetivamente, o sofrimento é uma experiência pessoal que muitas vezes só é conhecida através da comunicação daquele que sofre. É, frequentemente, um sinal de alarme, indicador de que

algo não está a funcionar bem no organismo. Objetivamente é uma realidade que exige ser bem-tratada e levada a sério, uma vez que se revela de uma forma explícita.

O sofrimento não escolhe idade, sexo ou etnia, nem tão pouco orientação política ou religiosa dos indivíduos que sofrem, uma vez que transcende as características e as circunstâncias pessoais dos seus protagonistas.

A Bíblia está recheada de narrativas que nos dão conta de pessoas que experimentaram o sofrimento na sua vida. Eva, Job, Sansão, Elias, José, David, Daniel, Ester, Rute, a mulher com o fluxo de sangue, Paulo ou Estêvão são apenas alguns exemplos. As suas experiências são testemunhos revigorantes e ajudam-nos a compreender o sofrimento a partir das aprendizagens de quem se sentiu perdido, numa primeira fase, e consolado, após a receção do conforto divino. Por outro lado, os seus testemunhos ajudam-nos ainda a discernir a diferença entre procurar Deus ou revoltar-se contra Ele nos momentos mais difíceis da existência humana, equacionando qual pode ser o papel da fé neste domínio.

Sendo a fé o vínculo de ligação entre o humano e o divino, e havendo diferentes entendimentos e vivências do que esta pode representar na vida dos indivíduos, é natural que existam limitações quanto à sua integração em momentos de sofrimento; ainda assim, diversos estudiosos afirmam que “é no sofrimento que o Homem toma conhecimento do que Deus é e do que ele próprio é chamado a ser: amor. Trata-se de uma equação que pode ser sintetizada com esta formulação: 'quanto mais se sofre, mais se ama' (Job 13:15) 'e quanto mais se ama, mais perto se está de Deus, que é amor' (I João: 4:8, 16)” (João Teixeira,

“Terá sentido sofrer” in *Communio, Revista Internacional Católica*, Ano XX, Nº 6, 2003, p. 557).

Na obra *Enfrentar a Dor*, Roberto Badenas sublinha a ideia de que não é aquilo que nos acontece que tem mais importância, mas sim a nossa maneira de reagir; logo, se enfrentarmos uma situação dolorosa com fé e segurança na presença divina, a mesma pode converter-se numa oportunidade de crescimento pessoal.

Em suma, poderíamos afirmar que é possível encontrar vislumbres de esperança aquando do sofrimento; e estes passam não só pela integração da fé na nossa caminhada, mas também pela adoção de atitudes positivas, por dar atenção aos sinais de alerta, aprender a (con)viver com o sofrimento e buscar a serenidade espiritual (através da leitura da Bíblia, da meditação e da oração), na certeza de que a resposta a este problema assenta na promessa do triunfo definitivo do Bem no porvir, e, por ora, se fundamenta na presença e no cuidado de Deus que nos garante que tem poder para nos livrar de todas as aflições (Salmo 34:19).

Felizmente, enquanto peregrinarem nesta Terra, os indivíduos não se encontrarão sozinhos. Graças a homens e mulheres sensíveis e obedientes à influência do Espírito Santo, têm surgido, em diferentes épocas e ao longo do tempo, muitas pessoas e iniciativas visando promover o alívio do sofrimento: hospitais, clínicas, lares, centros de acolhimento, instituições de beneficência, associações de apoio à família ou ainda núcleos locais de apoio social. Falamos de iniciativas que deram provas de sincera preocupação pelo ser humano por parte de uma Igreja animada pela mensagem evangélica e pelo testemunho de Jesus Cristo, que sempre se preocupou com o alívio do sofrimento

humano. Basta recordar as Suas animadoras palavras, em Mateus 11:28: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.”

Olhando para o convite de Jesus, a Humanidade é estimulada a aceitar Cristo como fonte de conforto nas suas provações e como fonte certa de esperança nos momentos de sofrimento e de vulnerabilidade.

Se mesmo em momentos de dor é possível não nos sentirmos abandonados, devemos, como Cristãos, buscar alívio na contemplação da Cruz – que nos dá garantias de que Deus sofre com o Seu Filho e com cada um de nós. Tenhamos esperança na bendita promessa que nos leva a ansiar por aquele lugar onde não existirá mais tristeza, nem choro ou dor (Apocalipse 21:4). ✨

Roberto Badenas, *Enfrentar a Dor*, Publicadora SerVir.
Almir Fonseca et al., “O ministério do sofrimento” e “Conforto na Aflição” in *Estudos Bíblicos. Guia completo de orientação e estudo das Escrituras Sagradas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003, pp. 224-226.
João Teixeira, “Terá sentido sofrer” in *Communio, Revista Internacional Católica*, Ano XX, nº 6, 2003, pp. 548-558.
Frank Thompson (compilação e redação), *Bíblia de referência Thompson*. São Paulo: Vida, 2007.

CÁRMEN MACIEL
DIRETORA-ADJUNTA DA ADRA PORTUGAL;
DIRETORA DA OFICINA DE TALENTOS

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Qual é a pertinência de analisar a temática do sofrimento nos dias que correm?
2. A Bíblia está recheada de narrativas que nos dão conta de pessoas que experimentaram o sofrimento na sua vida. Que lições podemos retirar da leitura dessas narrativas?
3. O que podemos fazer para encontrar alívio para o sofrimento?



Quinta, 7 de janeiro

Visita aos enfermos e aos reclusos

ENOQUE NUNES

O sofrimento físico leva-nos a reconhecer que nos vamos encontrar com a morte. Pessoas enfermas e em sofrimento físico fazem uma série de perguntas: Porque é que isto me está a acontecer? Porque aconteceu logo agora? O que fiz para merecer isto? Será que vou ficar bom? Onde está Deus nesta situação? Será que alguém vai cuidar de mim?

Uma enfermidade pode ser acompanhada de dúvidas, solidão, desespero, confusão, ira, culpa e mágoas. Dada esta realidade, o aconselhamento cristão, o apoio da comunidade de fé e a ajuda prática em circunstâncias de enfermidade são desafios para os membros da Igreja de Cristo. Contudo, é sempre aconselhável avaliar as atitudes, os medos e as ansiedades do enfermo. Nem todos podem entrar numa enfermaria ou visitar um doente no lar, porque não é fácil lidar com situações que envolvem o sofrimento humano.

Quando visitamos os enfermos, devemos estar atentos aos seus sentimentos e preocupações. Como crentes em Jesus, temos algo que todos desejam: Esperança. Devemos expressar esta esperança de

maneira realista e com integridade. Tenhamos cuidado com as promessas feitas em nome de Deus. Podemos levar palavras de conforto e segurança, mas devemos evitar a criação de falsa esperança.

Devemos utilizar bem os nossos instrumentos de apoio, que são: A oração e a Bíblia (Referências de conforto: Deut. 3:18; Sal. 28:11; 37:7; 41:5; 55:22; 56:3; 57:2; 62:1 e 2, 7 e 8; 69:33; 73:26; 91:1-6; 94:19; 120:5-8; 121:5-8; Isa. 26:3 e 4; 41:10; 41:13; 43:1; Lam. 3:23; Hab. 3:18; II Cor. 4:8 e 9; 4:16-18; Rom. 8:26, 31, 39), bem como o apoio da Igreja e a esperança em Jesus Cristo, o Médico dos médicos. Deixamos em seguida algumas regras e orientações para se visitar os enfermos.

NORMAS PRÁTICAS PARA A VISITAÇÃO HOSPITALAR

Não deve:

a) Visitar, se estiver doente. Nem deve falar das suas doenças ou das suas experiências hospitalares. Você não é o paciente.

b) Criticar ou questionar o hospital, o tratamento médico e o diagnóstico.

c) Sentar-se no leito do paciente ou procurar apoio de alguma forma na cama. Nem colocar a carteira ou os sacos sobre a cama.

d) Entrar numa enfermaria sem bater à porta. Verifique se há alguma indicação: "Proibido visitas."

e) Prometer que Deus vai curar alguém. Por vezes, Deus usa a continuação da doença para outros fins. Podemos falar por Deus, mas não somos Deus.

f) Falar alto ou cochichar. Fale num tom normal para não chamar a atenção para si. Nem se deve espalhar detalhes ou informações íntimas sobre o paciente.

g) Tomar decisões pela família ou pelo paciente. Poderá orientá-los, mas deixe que eles tomem as decisões necessárias sob a orientação médica.

h) Forçar o paciente a falar ou a sentir-se alegre, e sobretudo, não deve desanimá-lo. Seja natural ao falar e ao agir. Deixe o paciente à vontade. Numa visita hospitalar ou numa visita ao domicílio para atender a um doente, devemos observar vários níveis de comportamento. Cada visita precisa de ser norteada pelas circunstâncias, pelos nossos objetivos ou alvos e pelas necessidades da pessoa doente.

PROCEDIMENTOS A TER EM CONTA ANTES DE ENTRAR NUMA ENFERMARIA

1. O primeiro passo antes de entrar no quarto do paciente deve ser o de lavar muito bem as mãos. Geralmente, os hospitais também disponibilizam dispensadores de álcool em gel para esterilizar as mãos.

2. Não é recomendado que o visitante utilize a casa-de-banho do quarto do paciente. Se necessitar, utilize o sanitário destinado às visitas, que normalmente está localizado nos corredores do hospital.

3. As crianças muito pequenas e os idosos geralmente têm uma imunidade muito baixa. Por isso, deve-se evitar que se desloquem ao hospital, à exceção daqueles que são muito próximos do paciente, especialmente se o doente for oncológico ou tenha acabado de sair da UTI.

4. Respeite sempre o horário da visita. A duração do encontro depende da intimidade que tem com o paciente e do momento pelo qual ele está a passar. Se não for muito íntimo da pessoa, faça uma visita mais rápida.

5. Evite usar perfumes durante a visita. Eles podem provocar alergias ou enjoo ao paciente.

ORIENTAÇÕES BÁSICAS A TER EM CONSIDERAÇÃO NA VISITA A RECLUSOS

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar as boas-novas aos



mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes” (Isa. 61:1 e 2). Na visita aos centros prisionais, deve agir de acordo com o que lemos em Hebreus 13:3: “Lembra-vos dos presos, como se estivesseis presos com eles; e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo.” A nossa missão como crentes consiste em cumprir esta ordenança do Senhor, sem restrições e sem hesitar.

OBJETIVOS GERAIS DA VISITAÇÃO

Acompanhar o preso em todas as circunstâncias e atender às suas necessidades espirituais, dando assistência espiritual e servindo de intermediário entre o preso e os seus familiares. O visitador cristão é um agente de Deus. Portanto, ele deverá manter-se sempre em oração, pois dentro de um presídio encontram-se as forças do mal junto de alguns dos presos. O poder da oração é muito grande e é importante para a evangelização. É neste momento que começa a atuar o Espírito Santo no coração dos presos, fazendo com que se arrependam e aceitem Cristo Jesus como seu único Salvador. O visitador cristão deve manter a ética e a postura cristã junto dos presos e dos funcionários da prisão. Deve ser educado e ter um comportamento exemplar; deve saber ouvir e falar na hora certa. Este é um dos

segredos para manter relacionamentos sólidos.

CONSELHOS GERAIS QUANTO À ROUPA AQUANDO DA VISITA

Para as mulheres, aconselhamos que não usem vestidos curtos, transparentes ou com alças finas, nem roupas decotadas. Devem evitar os bonés, lenços, gorros e cachecóis. Aconselhamos que usem um tipo de roupa que não dificulte a revista. Convém não esquecer que o calçado não deve ter acessórios metálicos e as botas não são aconselháveis.

Qualquer visitante deve obedecer à ordem estabelecida, respeitando funcionários, presos, bem como cumprir as normas legais e administrativas ou qualquer ordem exarada pela autoridade competente no âmbito das unidades prisionais. Nunca poderão entregar nada diretamente ao recluso (livros, dinheiro, CD's, telemóveis, medicamentos). ✎

ENOQUE NUNES

SECRETÁRIO DA ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA UPASD; PASTOR DAS IGREJAS DE LISBOA-CENTRAL, VILA FRANCA DE XIRA, PÓVOA DE SANTA IRIA E SACAVÉM

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Qual a importância da visitação aos doentes?

2. Quais são as orientações básicas a ter em consideração na visita a reclusos?



Sexta, 8 de janeiro

O serviço na missão

JÚLIO CARLOS SANTOS

Servir é agir em prol de alguém. Para tal é preciso sair da nossa área de conforto, olhar à volta com um olhar perscrutador que deve ser envolto em solidariedade e terna compaixão.

Como Cristãos, conhecedores da Palavra de Deus, facilmente nos damos conta de que, à nossa volta, são cada vez mais aqueles que, com maior premência, mostram a sua fragilidade e necessitam de ajuda. Assim, este desafio inclui um vasto campo de ação, composto por muitos que não conhecem as Boas-Novas da salvação e, até mesmo, por aqueles que, desconhecendo tais Boas-Novas, ainda assim estão sedentos dessa verdade que liberta.

Esta tomada de consciência – resultado magnífico do trabalho do Espírito Santo no coração de homens e mulheres – faz nascer um amor pelas almas e um anelo em satisfazer as suas necessidades, não com as coisas do mundo em que vivem e que conhecem, mas com a alegria perene das coisas celestiais, que, numa comunhão com o Céu, lhes permitirá conhecer o verdadeiro amor.

O nosso exemplo é o Senhor Jesus. Ele mesmo diz que não veio para ser servido, mas para servir. A nossa mente pequena, finita, não consegue apreender toda a extensão desta missão. Alguém que é o Deus Todo-Poderoso, o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, desceu a este mundo, já com quatro mil anos de pecado, para resgatar a Humanidade pecadora de uma morte eterna. No conhecido Sermão da Montanha, Jesus não se limita a dizer aos Seus discípulos que eles são o sal da Terra e a luz do mundo, pois isso ficaria aquém dos Seus propósitos. Ele prossegue numa frase que os deve inquietar, que os deve tornar afoitos, ousados: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:16). Isto é servir!

Vejam uma situação que todos nós conhecemos, que tentamos resolver, mas em que acabamos por não ir muito além dos primeiros esforços, o que nos desmoraliza bastante. Vemos bancos vazios onde já se sentaram aqueles que um dia, com júbilo e gratidão, adoraram o Senhor. Estiveram ao nosso lado cantando hinos e orando fervorosamente. Aquelas almas fazem-nos falta! Jesus, com tristeza, sente também a sua falta. Servir é ir em busca delas, granjear-lhes de novo a confiança, amá-las e falar-lhes de um amor que, por motivos que só Deus sabe, esmoreceu. Cada alma que vem de novo para a Igreja é um tesouro preciosíssimo que se recupera.

Outra situação é conquistar novas almas. Sentir que estamos, nós mesmos, a viver uma experiência evangelística que nos faz crescer espiritualmente. Essas almas são plantas muito especiais e há que preparar o terreno cuidadosamente, lançar a pequenina semente, apresentando a verdade sem tibiezas, mas com amor. Era assim que o Senhor Jesus atuava.



Diz-nos a serva do Senhor: “A luz da Verdade deve resplandecer até aos confins da Terra. Uma luz cada vez mais intensa irradia com fulgor celestial da face do Redentor sobre os seus representantes, para ser difundida através da escuridão de um mundo entenebrecido. Como co-obreiros Seus, supliquemos a santificação do Seu Espírito, a fim de podermos brilhar com mais e mais fulgor” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 8, p. 40).

Chegados aqui, que poderemos fazer para que os nossos desejos – os mais caros sonhos do nosso Pai – se transformem num servir verdadeiro, assente em bases sólidas e que possa, assim, dar frutos para a vida eterna? Em primeiro lugar, devemos reconhecer que, pelos nossos fracos esforços humanos, nada conseguiremos. Necessitamos de um

coração disponível, abnegado, mas sobretudo humilde, onde o Espírito Santo possa trabalhar lado a lado connosco, pondo ao serviço do Mestre os dons que tão bondosamente nos concedeu. Um ministério profundo de oração, buscando sem cessar a orientação divina para aquele que é o serviço mais valioso que um ser humano pode realizar em favor de outrem. A chave do êxito passa por nós, individualmente, na medida em que cada um se une ao Poder do Alto, mas passa também, sem sombra de dúvida, pela união de todos como Igreja. Uma Igreja unida em Cristo é uma Igreja forte, inabalável, em que serão rechaçados os inflamados dardos de Satanás!

Servir é partir, com uma vontade indômita, para a evangelização do mundo. Servindo assim, estamos a honrar o nosso Salvador, que nos

deixou esta grande missão: “Portanto, ide, ensinai todas as nações. E eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos. Amen” (Mateus 28:18-20). ✦

JÚLIO CARLOS SANTOS
DIRETOR DA ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO DA UPASD; PASTOR DA IGREJA DE ALVALADE

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. No seu entender, o que é servir?
2. Por que razão cumprir a missão da Igreja é o maior ato de serviço?
3. Qual é o papel do Espírito Santo no cumprimento da nossa missão?



Sábado, 9 de janeiro

O cuidado especial por parte do Cristão perante uma sociedade envelhecida

JOÃO DANIEL FAUSTINO

Dizemos que uma sociedade está envelhecida quando a pirâmide da idade se inverte, ou seja, quando o número de crianças e jovens é menor do que o número de pessoas idosas.

Mas será que isso, por si só, é um problema? Constituirá um maior problema o aumento do número de idosos ou a diminuição do número de crianças e jovens? Será mesmo um problema o aumento do número de pessoas idosas, ou, por outro lado, trará esse facto consigo uma bênção? Porque será que estamos mais atentos ao envelhecimento?

O envelhecimento é um processo de uma vida inteira, pois, quando nascemos, começamos a envelhecer. Mas este não é um tema que nos preocupe antes de começarmos a sentir as primeiras dores.

O certo é que a maioria de nós consegue fazer uma boa adaptação ao envelhecimento. Como seres sociais, muitas das nossas aprendizagens advêm do ambiente social que nos rodeia e, enquanto Cristãos, somos formados pelo ensino de Cristo e pela Sua Palavra, que muito tem a ensinar-nos sobre este assunto.

A aprendizagem social é muito importante. As aprendizagens que

vamos adquirindo ao longo da nossa vida vão-nos condicionando, mas também vão melhorando a nossa capacidade para entender e adaptar a nossa forma de ver e encarar o futuro. Que o digam aqueles que já foram confrontados com algumas alterações na arquitetura das suas casas, por exemplo nas casas-de-banho ou nas escadas, de forma a serem mais amigas do utilizador idoso.

Mas a grande alteração ou aprendizagem ocorre ao nível da nossa maneira de pensar e de estar. Os seres humanos sabem ou não envelhecer, sendo isto aquilo a que tecnicamente podemos cha-

mar um envelhecimento bem ou mal-sucedido.

Se conseguimos fazer uma boa adaptação da nossa vida à realidade que vivemos, percebendo as nossas dificuldades e necessidades, mas também as nossas capacidades, e nos mantemos felizes, então estamos a envelhecer bem, estamos a ter um envelhecimento bem-sucedido. Se, por outro lado, não compreendemos ou não admitimos as mudanças que aparecem com o acumular dos anos, se perdemos a felicidade porque achamos que não merecemos o que nos está a acontecer – e merecemos? –, então poderemos estar a envelhecer mal, a fazer um envelhecimento mal-sucedido.

Todos sabemos que as coisas não são simples só porque as queremos tornar simples, nem são complexas porque o desejamos.

O envelhecimento, de facto, não é simples; muito pelo contrário, é muito complexo, em primeiro lugar porque o ser humano é complexo. Não podemos esquecer que cada um de nós é um ser único e irrepitível, com necessidades únicas, vivências únicas, que deve ver res-

peitada toda a sua individualidade e autonomia.

A mesma complexidade existe na afirmação de que a nossa sociedade é uma sociedade envelhecida, ou que, daqui a 20 ou 50 anos, estaremos numa sociedade ainda mais envelhecida. Não fosse o impacto financeiro e não existiriam preocupações quanto à longevidade do ser humano.

Enquanto Cristãos temos, em todas as alturas da nossa vida e para com todos os que se cruzam conosco, a grande responsabilidade de podermos contribuir para fazer o bem.

Temos o privilégio de levar aos outros o amor de Jesus, que tem poder para modificar vidas, que modificou a minha vida e aguarda a possibilidade de modificar todas as vidas daqueles que d'Ele se aproximam. Temos a certeza fantástica de que, depois de todas as coisas passarem, Cristo nos vem buscar para que vivamos com Ele uma vida onde “não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apocalipse 21:4). Ou, mais prosaicamente, não haverá próteses dentárias, cadeiras de rodas, aparelhos auditivos, ou, por outro lado, solidão, angústia, remorsos, nem nada que nos faça mal. Que maravilhosa certeza temos para partilhar com todos os que nos rodeiam!

Mas, também enquanto Cristãos, cheios do fervor da mensagem do nosso Mestre, somos impelidos a fazer o que Ele fazia àqueles que mais necessitavam, dando-lhes disponibilidade, amizade, afetividade e proximidade.

Enquanto escrevia este texto, recebi a chamada de um amigo. Tinha ligado uma semana antes, porque teve necessidade de se ausentar e por isso foi forçado a recorrer aos serviços do LAPI para o apoio a um familiar. Já várias vezes lhe tinha dito que o poderíamos ajudar, que temos bons serviços e que as coisas

Que cada um de nós possa estar disponível para o que é mais importante; que cada um de nós possa fazer a diferença na vida de alguém.

iriam correr bem. Ligou-me desta vez, para me comunicar que desejava manter o serviço que iniciámos. Não conto isto porque conseguimos mais um utente para o LAPI, mas apenas para partilhar a razão que o fez continuar a receber os nossos serviços. Não foi por mim, claro, nem somente pelo serviço funcional que prestamos; estou certo de que a razão principal foi termos transmitido a alegria que é servir os outros, como Jesus ensinou, transformando-se esse serviço em amizade, disponibilidade, afetividade e proximidade.

Somos chamados a um envelhecimento bem-sucedido com uma compreensão clara sobre as nossas capacidades. Perguntamo-nos, como Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” (João 3:4.) Nicodemos compreendia claramente as suas limitações quanto à sua idade. Sara tinha também noção da sua situação, sabia que uma mulher da sua idade não mais poderia ter filhos. “Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho?” (Gênesis 18:12.) Deus é o Senhor da impossibilidade, capaz de tornar realizável o sonho inatingível sem Ele. Também conosco Deus pode fazer o impossível, desde

que permitamos que o Seu amor e a Sua vida nos toquem e nos moldem.

Somos aconselhados a manter e a aprofundar as nossas redes de pertença, com os nossos irmãos, amigos e vizinhos, mas essencialmente com os nossos familiares, não esquecendo que o apoio que teremos na velhice será aquele que soubemos construir ao longo da nossa vida. Hoje é o tempo de o fazer!

Que grande desafio para nós, Cristãos, hoje, o de deixar que os fundamentos e o estilo de vida do Cristianismo alterem as nossas prioridades, as nossas escolhas, as nossas ações, desde o mais fundo ao mais prático da nossa vida. Permitindo que, dessa forma, estejamos apetrechados para o trabalho da partilha desse grande amor com todos.

Que missão fantástica aquela que o nosso Deus nos dá! Que cada um de nós possa estar disponível para o que é mais importante; que cada um de nós possa fazer a diferença na vida de alguém. A começar por quem está mais frágil, mais só, mais carente, mais necessitado de apoio. São cada vez mais os idosos em situação de necessidade de apoio na nossa sociedade. Cada um é um recetáculo do cuidado e do carinho de Deus, e todos nós, os que pudermos e nos dispusermos a sê-lo, somos canais para tornar reais esse cuidado e esse carinho na sua vida. ♣

JOÃO DANIEL FAUSTINO
DIRETOR EXECUTIVO DA ASA-LAPI

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Como ter um envelhecimento bem-sucedido?
.....
2. Que especial cuidado deve o Cristão ter perante uma sociedade envelhecida?
.....
3. Qual é a especial missão que Cristo nos dá?

O aniversário do Messias

Enquanto seres vivos, seguimos um ciclo de vida padronizado: nascemos, crescemos, reproduzimo-nos e, finalmente, morremos. Destes estágios da vida, um dos mais marcantes é o dia do nascimento. Em geral, a esse episódio damos o nome de “aniversário”, palavra latina que significa “retorno anual” (*anni + versus*). É o dia em que comemoramos um evento passado que ocorreu na mesma data. Trata-se de uma ocasião de muita alegria e de lembranças felizes.

Um aniversário que não queremos esquecer é o do Messias, pois assinala o momento em que Cristo veio ao mundo como um de nós. Damos o nome de “Natal” a esse evento marcante. 25 de dezembro é

uma antiga data em que boa parte do mundo para a fim de celebrar o nascimento de Jesus.

Durante muito tempo, o aniversário de Jesus tem sido comemorado no dia 25 de dezembro. Contudo, será essa a verdadeira data do aniversário de Cristo? Como a podemos determinar? A Bíblia poderia ajudar-nos a inferir uma data provável para o nascimento do Salvador?

Dezembro

Os Evangelhos não indicam o dia do nascimento de Cristo, nem nos dão evidências explícitas para nos permitir chegar a uma data precisa. No entanto, apesar da tradição, o dia 25 de dezembro tem sido posto em causa pelos teólogos enquanto data do nascimento de Jesus.

Clemente de Alexandria (150-217 d.C.), escritor e teólogo cristão da Igreja pós-apostólica, menciona que já na sua época as pessoas procuravam uma data para celebrar o nascimento de Jesus, mas não cita a data de 25 de dezembro. A primeira fonte a declarar o dia 25 de dezembro como sendo a data do aniversário de Jesus foi Hipólito de Roma (170-236 d.C.), que tomou como base o equinócio da primavera (25 de março) para o período de concepção de Jesus e o solstício de inverno (25 de dezembro) para o Seu nascimento.

Muitos creem que, mesmo antes dos séculos IV e V d.C., o nascimento de Jesus já era associado com a primavera. Contudo, o dia 25 de dezembro foi escolhido e começou a ser celebrado de modo definitivo pelo papa Libério em 354 d.C.. O solstício de inverno – o dia mais curto do ano – era considerado o dia do nascimento do Sol invencível (*natalis solis invicti*, em Latim), visto que, a partir desse momento astronómico, a luz solar começa a incidir com mais intensidade sobre a Terra. Vários deuses pagãos tinham o seu nascimento celebrado nesse dia: Mitras, Hórus, Átis, Dionísio e outros.

Infelizmente, muitos ritos pagãos relacionados com a divindade solar foram incorporados, pouco a pouco, na rotina da Igreja Cristã e ainda são praticados nos dias de hoje, adotando-se para eles um significado bíblico e cristão. O aniversário de Jesus parece ser um deles, o que não significa necessariamente que devamos deixar de o celebrar.

Pistas

Sendo os seres humanos curiosos por natureza, nós queremos saber se é possível datar o nascimento de Cristo de alguma forma. Para nossa alegria e surpresa, os Evangelhos apresentam algumas pistas que podem ajudar a decifrar o enigma e a marcar uma data provável para esse acontecimento.

A primeira pista encontra-se em Lucas 2:8, texto em que nos é dito que, no dia do nascimento de Jesus, havia nas redondezas pastores que cuidavam de rebanhos. Em Israel, o período de dezembro a fevereiro compreende a estação de inverno. Portanto, seria improvável que pastores estivessem nos campos durante essa época de intenso frio. Mais comum seria encontrá-los entre o início de março e o início de outubro.

Da mesma forma, estaria muito frio para que o governo exigisse que os cidadãos viajassem a fim de registar os seus nomes no censo (Luc. 2:1-5). Seria mais óbvio e inteligente aproveitar uma das três festas de peregrinação (Lev. 16:16 e 17), época em que havia grande aglomeração de Judeus em Jerusalém. Portanto, podemos excluir com segurança dos nossos cálculos o período que vai de dezembro a fevereiro.

A segunda pista encontra-se em Lucas 1:5. Este texto menciona Zacarias (pai de João Batista), um sacerdote do “turno de Abias”. Durante o seu reinado, David tinha dividido os sacerdotes em 24 grupos de acordo com as suas famílias (I Cró. 24:1-4), a fim de organizar

o serviço do santuário. A sequência dos turnos foi determinada por meio da sorte (I Cró. 24:7-19), permanecendo a família de Abias no 8º turno (I Cró. 24:10). Cada grupo iniciava as suas atividades no sábado e terminava o turno ao completar sete dias (II Cró. 23:8; I Cró. 9:25). O primeiro turno começava o seu trabalho a partir da primeira semana do primeiro mês do calendário judaico, chamado *Nisã*, e assim se seguia consecutivamente até se iniciar um novo ciclo. Contudo, durante o período das três grandes festas (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos), todos os 24 grupos deviam apresentar-se ao serviço. Desta forma, o 8º turno (o “turno de Abias”) exerceria as suas atividades após a festa de Pentecostes, por volta do segundo sábado do mês de *Sivan* (o 3º mês, equivalente a maio/junho).

O relato bíblico informa-nos ainda de que, acabado o turno de Zacarias, em poucos dias a sua esposa concebeu João. Assim, se o turno de Zacarias começou no segundo sábado, então terminaria durante o terceiro sábado de *Sivan*. Acrescentamos os nove meses de gestação de Isabel e chegamos ao início do 1º mês (*Nisã*). (Convém lembrar neste ponto que o calendário judaico é lunissolar, ou seja, os meses seguem o ciclo lunar e os anos o ciclo solar.) Diante deste dado, poderíamos inferir que João possivelmente nasceu na época da Páscoa. Isto seria bastante apropriado, pois durante a cerimónia pascal esperava-se que Elias retornasse anunciando a vinda do Messias (Mal. 4:5). Ainda hoje, na cerimónia judaica da Páscoa, os Judeus reservam um lugar à mesa para o profeta. Isto estaria em conformidade com a tradição judaica e com os Evangelhos, nos quais João Batista é identificado como a personificação de Elias (Luc. 1:17; Mat. 17:10-13).

A terceira pista encontra-se em Lucas 1:26 e 27, 36, trechos em que se refere o período de gestação em

que se encontrava Isabel. Ao informar Maria de que ela conceberia um filho, o anjo Gabriel mencionou que o tempo de gravidez de Isabel era de seis meses. Portanto, se a concepção de Jesus por Maria ocorreu naquela ocasião, João Batista seria seis meses mais velho do que Jesus. Com este dado podemos calcular a data de concepção de Jesus e, portanto, o Seu nascimento.

Contando seis meses após a concepção de João Batista por Isabel, chegaríamos ao fim do 9º mês (*Kislev*, equivalente a novembro/dezembro), época da Festa de *Hannukkah* (“A Dedicção”), também chamada “Festa das Luzes”, que se inicia no dia 25 de *Kislev* e é observada durante oito dias (I Macabeus 4:59). Curiosamente, Jesus é descrito no Evangelho de João como sendo a luz do mundo (Jo. 1:4-9; 8:12; 9:5; 12:46).

Se adicionarmos nove meses à data de concepção de Jesus por Maria, chegaremos ao início do mês

de *Tishri* (7º mês, equivalente a setembro/outubro). Para sermos mais precisos, tomemos o nascimento de João Batista como sendo na Páscoa (14/15 de *Nisã*); adicionando seis meses chegamos a 15 de *Tishri*, precisamente o primeiro dia da Festa dos Tabernáculos (Lev. 23:34).

A última pista vem de Lucas 3:23 e relaciona-se com o início do ministério de Jesus. Ele tinha 30 anos quando iniciou o Seu ministério, a idade mínima necessária para ministrar como sacerdote (Núm. 4:3). Se, ao completar 30 anos, Jesus foi logo batizado, dando início ao Seu mi-

nistério, então, assumindo que esse ministério durou três anos e meio, e culminou na cruz (14 de *Nisã*, a Pás-

Festa

coa), retrocedendo ou adicionando seis meses, chegamos novamente ao início da Festa dos Tabernáculos. Como foi mencionado, o Evangelho de João é aquele que mais relaciona os episódios da vida e da obra de Jesus com as práticas e crenças ligadas às festas judaicas. Portanto, não seria de admirar que ele estabelecesse uma relação entre o nascimento de Cristo com a Festa dos Tabernáculos. E, de facto, ele fez isso mesmo.

Em João 1:14, o autor emprega uma expressão incomum no Novo

	João Batista	Jesus Cristo
Concepção	+/- 3º Sábado de <i>Sivan</i> (maio/junho)	+/- 25 de <i>Kislev</i> (novembro/dezembro)
Nascimento	+/- 15 de <i>Nisã</i> (março/abril)	+/- 15 de <i>Tishri</i> (setembro/outubro)

Testamento: o verbo grego *skenoo*, usado apenas cinco vezes, e todas elas dentro dos escritos joaninos

Testamento: o verbo grego *skenoo*, usado apenas cinco vezes, e todas elas dentro dos escritos joaninos



A *Hanukkah*, apesar de não ser uma festa mosaica, foi a última festa a ser instituída. Marcou um episódio importante para o povo judeu e foi um evento necessário para a chegada do Messias.



(Jo. 1:14; Apo. 7:15; 12:12; 13:6; 21:3). Ele menciona que “o Verbo se fez carne e habitou [eskênôsen] entre nós”. Mais do que habitar, esse verbo significa literalmente “armar a tenda”, “tabernacular”, e é a mesma palavra grega usada na *Septuaginta* para traduzir o termo hebraico *sukot*, o qual, por sua vez, refere as cabanas usadas na Festa dos Tabernáculos. João também parece ter escolhido o verbo *skenoo* para reproduzir tanto a ideia como o som da palavra hebraica *shekinah*, usada na tradição judaica para referir a habitação divina ou a permanência do Senhor dentro do Seu Tabernáculo ou Santuário (o *mishkan*).

Na tradição judaica é comum um nascimento ou um evento marcante na história do povo estar relacionado com um período festivo. Não seria estranho, portanto, que o nascimento e a morte de Jesus estivessem relacionados com eventos festivos. E talvez não seja mera coincidência João ter iniciado o seu Evangelho (João 1:4-9) falando de Jesus como sendo a luz do mundo, principal ca-

racterística da Festa de *Hanukkah*, e afirmando que Ele veio “tabernacular” (João 1:14) com a Humanidade, referindo-se assim à principal característica da Festa dos Tabernáculos.

A *Hanukkah*, apesar de não ser uma festa mosaica, foi a última festa a ser instituída. Marcou um episódio importante para o povo judeu e foi um evento necessário para a chegada do Messias. De facto, para que o segundo templo tivesse maior glória do que o primeiro (Ageu 2:9), precisava de ser restaurado e dedicado, a fim de que a presença visível de Deus preenchesse o seu espaço outrora profanado.

A Festa dos Tabernáculos era a sétima e a última festa mosaica (Lev. 23:33-43). Comemorava o momento em que Deus habitou com o povo de Israel, o sustentou e o protegeu. Uma festa em que a alegria não era apenas algo propício, mas era mandataada pelo Senhor (Lev. 23:40; Deut. 16:14 e 15). A Festa de *Hanukkah* e a Festa dos Tabernáculos têm uma forte conexão, sendo a *Hanukkah* considerada uma segunda Festa dos Tabernáculos (II Macabeus 1:9, 18; 10:6 e 7).

Em Zacarias está escrito: “Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos.” E João acrescentou: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará [skênôsei] com eles. Eles serão povos de Deus e o mesmo Deus estará com eles” (Apo. 21:3).

Esta será a última grande festa a ser celebrada. Da Páscoa ao Dia das Expições, todas as festas judaicas alcançaram a sua plenitude e o seu cumprimento na vida e na obra de Cristo. Apenas a Festa dos Tabernáculos permanecerá como festival eterno. E nesse dia não precisaremos mais do Sol e da Lua, porque o Cordeiro será a nossa luz (Ap. 21:23; 22:5). A lembrança do Seu nascimento será celebrada para sempre – o aniversário do eterno Emanuel. ✨

• **Wilian Cardoso**

Pastor da Comunidade Judaico-Adventista de Manaus

A photograph of a family of five (two men, two women, and a young girl) sitting around a dining table. They are all smiling and looking towards the camera. The table is set with a white tablecloth, various dishes, and a large loaf of bread. The background shows a wooden cabinet.

O Natal

.....

Sendo que o dia 25 de dezembro é observado em comemoração do nascimento de Cristo e sendo que as crianças têm sido instruídas, por preceito e por exemplo, de que este foi indubitavelmente um dia de alegria e de regozijo, será difícil passar por alto este período sem lhe dar alguma atenção. Ele pode ser utilizado para um bom propósito.

A juventude deve ser tratada com muito cuidado. Não devem ser

deixados no Natal a buscar os seus próprios divertimentos em prazeres vãos, em diversões que lhes rebaixarão a espiritualidade. Os pais podem controlar esta questão voltando a mente e as ofertas dos filhos para Deus, para a Sua causa e para a salvação de almas.

O desejo de divertimentos, em vez de ser contido e arbitrariamente sufocado, deve ser controlado e dirigido mediante paciente esforço da parte dos pais. O seu desejo

de dar presentes deve ser levado através de puros e santos canais e feito resultar em bênção ao nosso próximo, graças à manutenção do tesouro na grande e ampla obra para a qual Cristo veio ao mundo. Abnegação e espírito de sacrifício assinalaram a Sua conduta. Seja isto também o que assinala os que professam amar Jesus, porque n'Ele está centralizada a nossa esperança de vida eterna (*Review and Herald*, 9 de dezembro de 1884).

Troca de presentes como sinal de afeição

As festas estão a chegar rapidamente, com a sua troca de presentes, e os jovens e os idosos estão a estudar intensamente o que poderão dar aos seus amigos como sinal de afetuosa lembrança. É agradável receber um presente, mesmo simples, daqueles a quem amamos. É uma afirmação de que não estamos esquecidos e parece ligar-nos a eles mais intimamente.

Está certo concedermos a outros demonstrações de amor e de afeição, se assim fazendo não esquecemos Deus, o nosso melhor amigo. Devemos dar os nossos presentes de tal maneira que provem ser um real benefício para o que recebe. Eu recomendaria determinados livros que fossem um auxílio na compreensão da Palavra de Deus ou que aumentem o nosso amor pelos Seus preceitos. Prove de algo para ser lido durante esses longos serões de inverno (*Review and Herald*, 26 de dezembro de 1882).

Natal – Ocasão para honrar Deus

Pelo mundo os dias de festa são passados em frivolidades e em extravagância, glotonaria e ostentação. No próximo Natal e Ano Novo, milhares de dólares serão gastos de modo pior do que se fossem lançados fora, em condescendências desnecessárias. Mas temos o privilégio de afastar-nos dos costumes e das práticas desta época degenerada; e em vez de gastar meios meramente na satisfação do apetite ou com ornamentos desnecessários ou artigos de vestuário, podemos tornar as festividades vindouras numa ocasião para honrar e glorificar Deus (*Review and Herald*, 11 de dezembro de 1879).

Cristo deve ser o objetivo supremo; mas, da maneira que o Natal tem sido observado, a glória é desviada d'Ele para o homem mortal, cujo caráter pecaminoso e defeituoso

se tornou necessário que Ele viesse ao nosso mundo.

Jesus, a Majestade do Céu, o nobre Rei do Céu, pôs de lado a Sua realeza, deixou o Seu trono de glória, a Sua alta posição, e veio ao nosso mundo para trazer ao homem caído, debilitado nas faculdades morais e corrompido pelo pecado, auxílio divino.

Os pais deviam trazer estas coisas ao conhecimento dos seus filhos e instruí-los, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, sobre as suas obrigações para com Deus – não sobre as suas obrigações de uns para com os outros, de honrarem-se e glorificarem-se uns aos outros por presentes e dádivas (*Review and Herald*, 9 de dezembro de 1884).

“Devemos armar uma árvore de Natal?”

Deus muito Se alegraria, se, no Natal, cada igreja tivesse uma árvore de Natal sobre a qual pendurar ofertas, grandes e pequenas, para essas casas de culto. Têm chegado a nós cartas com a interrogação: Devemos ter árvores de Natal? Não seria isto acompanhar o mundo? Respon demos: Podeis fazê-lo à semelhança do mundo, se tiverdes disposição para isto, ou podeis fazê-lo de forma muito diferente. Não há particular pecado em selecionar um fragrante pinheiro e pô-lo em nossas igrejas, mas o pecado está no motivo que induz à ação e no uso que é feito dos presentes postos na árvore.

A árvore pode ser tão alta e os seus ramos tão vastos quanto o requeira a ocasião; mas que os seus galhos estejam carregados com o fruto de ouro e prata da vossa beneficência, e apresentai isto a Deus como o vosso presente de Natal. Sejam as vossas doações santificadas pela oração (*Review and Herald*, 11 de dezembro de 1879).

As festividades de Natal e de Ano Novo podem e devem ser celebradas em favor dos necessitados. Deus

é glorificado quando ajudamos os necessitados que têm uma família grande para sustentar (*Manuscrito 13*, 1896).

Árvore de Natal com ofertas missionárias não é pecado

Não devem os pais adotar a posição de que uma árvore de Natal posta na igreja para alegrar os alunos da Escola Sabatina seja pecado, pois ela pode ser uma grande bênção. Ponde-lhes diante do espírito objetos benevolentes. Em nenhum caso o mero divertimento deve ser o objetivo dessas reuniões. Conquanto possa haver alguns que transformarão essas reuniões em ocasiões de descuidada leviandade e cujo espírito não recebeu as impressões divinas, outros espíritos e caracteres há para quem essas reuniões serão altamente benéficas.

Estou plenamente convicta de que inocentes substitutos podem ser providos para muitas reuniões que desmoralizam (*Review and Herald*, 9 de dezembro de 1884).

Providenciar recreação inocente para o dia

Não vos levantaríeis, meus irmãos e irmãs em Cristo, cingindo-vos a vós mesmos para o dever no temor do Senhor, procurando arranjar este assunto de tal maneira que não seja árido e desinteressante, mas repleto de inocente prazer que leve o sinete do Céu? Eu sei que a classe pobre responderá a estas sugestões. Os mais ricos também devem mostrar interesse e apresentar os seus donativos e as suas ofertas proporcionalmente aos meios que Deus lhes confiou. Que se registre nos livros do Céu um Natal como jamais houve em virtude dos donativos que forem dados para o sustento da obra de Deus e o reerguimento do Seu Reino (*Review and Herald*, 9 de dezembro de 1884). ✨

Texto retirado da obra *O Lar Adventista*, pp. 477-483.

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Ilda Santiago (Igreja de Sangalhos).....março
 Antônio Augusto Lopes (Igreja de Figueira da Foz).....março
 Clória Ferreira (Igreja de Pedroso).....abril
 Fernanda Maria Nunes Sarmento (Igreja de Sangalhos).....abril
 Aires Augusto Estima Castanheira (Igreja de Sangalhos).....abril
 Domitília Jesus Fernandes (Igreja de LAPI-Sul).....abril
 Adélia Fonseca (Igreja de Arganil).....maio
 Maria Ilda Cedo (Igreja de Oliveira do Hospital).....maio
 Natália MariaVieira Silvestre (Igreja de LAPI-Avintes).....novembro

ARQUEOLOGIA

A Arqueologia e a Autoridade da Bíblia.....janeiro
 Artigo Ostrakon Regista as Deambulações da Arca da Aliança.....maio

ARTIGO DE FUNDO

Os Outros Filhos de Abraão.....janeiro
 A Resistência Não Violenta ao Mal.....fevereiro
 Carne Pura e Impura.....março
 Páscoa, Proteção e Liberdade.....abril
 Zigurates, Montanhas e a Pedra.....maio
 Ellen White e o Espírito de Profecia.....junho
 “E Abriram-se os Livros”.....julho
 Júnia, a Apóstola.....outubro
 Dando Nome aos Dias da Semana.....novembro

BANCO DE LEITURA

Saúde e Bem-Estar.....janeiro
 Profecias Surpreendentes.....fevereiro
 101 Perguntas Sobre Ellen White e os Seus Escritos.....março
 Um Inimigo Vencido.....abril
 Arautos de Boas-Novas.....maio
 Nas Teias da Nova Era.....junho
 O Salvador Prometido.....julho
 Preparação para a Crise Final.....outubro
 O Sábado na Bíblia.....novembro
 Um Amor Maior do que a Morte.....dezembro

BÍBLIA

Conexão Impossível.....janeiro
 A Fiabilidade das Escrituras do Novo Testamento.....fevereiro
 O Sinal de Santificação.....março
 Cristo na Cruz – a Sinfonia da Dor.....abril
 A Beneficência de Deus.....maio
 As Festas de Israel à Sombra da Cruz.....junho
 Reflexo de Cristo.....julho
 Mas, Afinal, Quem é o Espírito Santo?.....novembro
 O Aniversário do Messias.....dezembro

CIÊNCIA E RELIGIÃO

Escavando Dinossauros no Wyoming.....fevereiro
 A Fronteira da Evolução.....março
 Filhos de Deus Cibernéticos?.....outubro

DEVOCIONAL

Olhando para o Cano de uma Caçadeira.....fevereiro
 O Deus dos Relacionamentos.....março
 O Filho Pródigo Dentro de Casa – vivendo como servo e não como filho.....abril
 O Evangelho numa Taça de Vinho?.....junho
 Deus é Amor.....julho
 Mudança de Trajetória.....outubro
 Simão, o Fariseu.....novembro

EDITORIAL

A Conversão.....janeiro
 “Bem-aventurados os Mansos”.....fevereiro
 “A Vida é-nos Concedida Apenas como um Empréstimo”.....março
 “Porque Cristo, Nossa Páscoa, Foi Sacrificado por Nós”.....abril
 A Importância das Profecias.....maio
 O Dom Profético de Ellen G. White.....junho
 O Juízo Investigativo.....julho
 “Levanta-te, Brilha, Jesus Está Prestes a Voltar!”.....agosto
 A Importância da Função dos Apóstolos na Igreja Cristã.....outubro
 O Sábado, o Sinal entre Deus e o Homem.....novembro
 Chamados para Servir.....dezembro

EDUCAÇÃO

Excelência, Ranking e Filosofia Educacional Adventista: Um Equilíbrio Possível?.....abril

ESPAÇO JUVENIL

A Longa Caminhada para a Liberdade.....janeiro
 O Fundo do Poço.....fevereiro
 Do Campo de Milho para o Púlpito.....março
 Androcles e o Leão.....abril
 Ter e Não Ter.....maio
 Retiros de Cinco Minutos.....junho
 Deus e Galileu.....julho
 Uma Amiga como Esta.....outubro
 Oferece-se uma Recompença.....novembro

ESPÍRITO DE PROFECIA

Quando a Profetiza Fica em Silêncio.....maio
 O Nascimento de uma Obra-Prima.....junho
 Ellen White, o Templo da Nova Jerusalém e os seus Críticos.....junho
 O Natal.....dezembro

EVANGELISMO/EVANGELIZAÇÃO

Não Sejamos uma Igreja Amigável.....janeiro
 As Cidades do Sal, Cabo Verde: O Grande Desafio Missionário Pós-Moderno e Secular.....março
 O Ministério da Literatura na Igreja de Hoje.....maio
 A Toda a Nação.....outubro
 O Projeto Médico-Missionário Itinerante Viver +.....novembro

HERANÇA ADVENTISTA

A História de Annie Smith.....janeiro
 John Andrews, o Primeiro Missionário.....abril
 Michael Belina Czechowski – Herói ou Rebelde? - I.....maio
 Michael Belina – Herói ou Rebelde? - II.....junho

HISTÓRIA

Um Encontro, Dois Caminhos, Duas Decisões.....abril

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

O que Quis Jesus Dizer Quando Afirmou que Devemos ser ‘Perfeitos’?.....janeiro
 Por que Razão Disse Deus que os Patriarcas não O Conheciam Sob o nome de *Yahweh*?.....maio
 Quem Eram “os Filhos de Deus” e “as Filhas dos Homens”?.....junho
 Escreveu o Profeta Daniel o Livro de Daniel?.....julho

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Vanuatu – Pacífico Central – 2213 Batismos Resultantes das Emissões Da Hope TV em Vanuatu.....janeiro
 Os 30 Anos de Milagres da 3ABN.....fevereiro
ADRA – A ADRA Combate o Ébola com Informação e Entrega de Alimentos / O Catálogo de Ofertas de Natal da ADRA Inclui Presentes que Mudam Vidas.....fevereiro
Roménia – Inaugurado o Primeiro Centro Médico.....fevereiro
Bahamas – O Primeiro-ministro Solicita Centro de Saúde Comunitário.....fevereiro
Nova Zelândia – A Igreja Adventista Pretende Adquirir um Canal de Televisão.....fevereiro
Egito – Proposta de Lei Classificará os Adventistas como Não-cristãos.....fevereiro
ADRA-SERRA LEOA – ADRA Descontamina Lares na Serra Leoa.....março
ADRA-MOLDÁVIA – Um Centro de Apoio à Criança, da ADRA, Recebe um Prémio.....março
Cabo Verde – Lançamento do Livro Missionário.....março
Oceano Índico – IASD Batiza 2309 Pessoas.....abril
Cairo – IASD Dá-se a Conhecer na Grande Feira do Livro.....abril
República Dominicana – Rua Recebe o Nome de Ellen G. White.....abril
GAiN – Especialista em Tecnologia da IASD Promove Jogos para a Educação e o Ministério.....abril
Conferência Geral – Apelo para que os Adventistas Orem Durante 100 Dias pela Sessão da Conferência Geral / O Presidente da Igreja Reúne-se com o Líder das Nações Unidas / A IASD Adota Posição sobre Vacinação.....maio
Divisão Inter-Americana – A Igreja Irá Inaugurar Três Novos Canais de Televisão na DIA.....maio
Filipinas – Nova Faculdade de Medicina Adventista.....maio

Bangladesh – Dois Adventistas Detidos.....	maio
Nepal – ADRA em Formação no Nepal.....	junho
EUA – IASD Na América do Norte Emite uma Declaração sobre a Candidatura de Ben Carson à Presidência dos EUA.....	junho
Hungria – IASD Reconcilia-se com Grupo Dissidente.....	junho
Quênia – 10 Adventistas Mortos no Massacre Ocorrido na Universidade de Garrissa.....	junho
Zimbabué – 30 000 batismos em Resultado de uma Campanha Evangelística.....	julho
Andorra – Inaugurada a Primeira IASD.....	julho
Brasil – Centro de Influência Adventista É Inaugurado no Coração da Maior Metrópole Brasileira.....	julho
EUA – Mega Clínica a Operar em San António, Texas Supera os seus Objetivos.....	julho
ADRA – ADRA Intensifica a sua Ação após Novo Sismo no Nepal.....	julho
Curdistão – ADRA Oferece Educação aos Iraquianos Deslocados no Curdistão.....	outubro
Malásia – Líderes na Malásia Usam Escola Cristã de Férias para Fortalecer o Evangelismo de Adultos.....	outubro
Myanmar – Cheias em Myanmar Provocam Danos em 32 Igrejas Adventistas.....	outubro
Zâmbia – Líderes Adventistas Dedicam o Terreno de Futura Clínica.....	novembro
Itália – Praça de Roma Recebe o Nome de Martinho Lutero com a Ajuda da Igreja Adventista.....	novembro

NOTÍCIAS NACIONAIS

Dept. Liberdade Religiosa – III Conferência Consciência e Liberdade.....	janeiro
Lisboa – Central – Comemoração dos 90 anos da Inauguração do Edifício da Igreja Central de Lisboa.....	janeiro
UPASD – Convenção Pastoral 2014.....	fevereiro
III Encontro de Universitários Adventistas de Lisboa.....	fevereiro
UPASD – Formação Sobre Mordomia no CAOD / Formação na Área de Evangelismo no Porto e em Lisboa.....	março
Ribeira de Nisa – Concerto Solidário.....	março
Vila Real – Evangelização na Prisão / Igreja em Missão.....	março
Portimão – Investiduras de Desbravadores.....	março
LAPI-Sul – O LAPI e o Dia da Saúde / Festa de Natal.....	março
ADRA-Espinho – Segundo Almoço Solidário.....	março
Avintes – O Projeto Konta Komigo e os Jovens de Avintes Ajudam os Sem-abrigo.....	março
LAPI-Madeira – Batismo.....	março
Évora – Batismos.....	março
Albufeira – Encontro Regional de Anciãos e Diáconos.....	abril
REASD – Encontro de Pessoal não Docente.....	abril
Região Centro – Semana da Família no Centro.....	abril
Coimbra – Batismo.....	abril
ADRA – ADRA-Portugal Realiza II Encontro Nacional.....	maio
UPASD – Encontro dos Ministérios da Mulher em Lisboa.....	maio
Ponta Delgada – Igreja Adventista Implementa a Metodologia “Quero Viver Mais”.....	maio
ADRA – ADRA-Portugal Apoiava Vítimas do Terramoto no Nepal / ADRA Recolhe 45 Toneladas de Alimentos na Rede de Supermercados Pingo Doce.....	junho
Rádio RCS – Seminário de Famílias Promovido pela RCS.....	junho
Liberdade Religiosa – Terra Justa: Grandes Causas e Valores da Humanidade.....	junho
S. Miguel – Doação de Sangue em S. Miguel.....	junho
Ponta Delgada - “Noite da Sopa” É o Novo Projeto da Delegação da ADRA-Ponta Delgada / IASD Dedicou Fim de Semana à Família e à Educação.....	junho
S. Miguel – ADRA-S. Miguel Participa na Feira Lar, Campo e Mar.....	julho
Setúbal – Quero Viver +.....	julho
“Viver Mais Sobre Rodas”.....	julho
Lagoa – Batismos.....	julho
Chaves – Dia Global da Juventude.....	julho
Serpins – Baptismos.....	julho
Queluz – Cumprindo a Missão.....	julho
UPASD – 2ª Formação de Saúde para Obreiros da UPASD.....	outubro
Sacavém – Visita da Vereadora de Loures às Instalações da Igreja de Sacavém / Campanha de Evangelização e Batismos / Novos Batismos.....	outubro
Póvoa de Sta. Iria – Campanha de Evangelização e Batismos.....	outubro
Lisboa Central – A Família da Igreja Central Cresce.....	outubro
Vila Franca de Xira – Batismo em Vila Franca de Xira.....	outubro
Albufeira – Batismos.....	outubro
Braga – Batismos.....	outubro
Atalaia do Campo – Batismos / Expo-Saúde.....	outubro
Évora – Batismos.....	outubro
Lagoa – Batismo.....	novembro
Porto – Batismos.....	novembro

REFLEXÃO

Não Faz Sentido.....	janeiro
Deus ou Nada.....	fevereiro
O Grande Conflito (no trabalho).....	março
Um Réu Perdoado à Tangente.....	abril
A Realidade da Existência de Deus.....	maio
“No Mundo Tereis Aflições”.....	junho
“Fricção” Científica.....	julho
Outro (Falso) Argumento Contra a Criação em Seis Dias.....	outubro

REVISTAS ESPECIAIS

60ª Sessão da Conferência Geral.....	agosto
Editorial – “Levanta-te, Brilha, Jesus Está Prestes a Voltar” Mensagem do 1º Sábado – Da Confusão à Comissão Relatório do Presidente – Cinco Anos de Serviço Notícias – O que Foi Mudado nas Crenças Fundamentais / Delegados Aprovam Importante Atualização das Crenças Fundamentais / Os Delegados Votaram “Não” na Votação sobre a Ordenação das Mulheres / Pr. Mário Brito Eleito Presidente da Divisão Inter-Europeia	
Testemunhos dos Delegados – Perspetivas / O Privilégio de Ser Adventista / Não Somos um Pequeno Povo	
Eleições – Oficiais da Conferência Geral / Departamentos / Presidentes das Divisões / Divisão Inter-Europeia	
Mensagem do 2º Sábado – “Atravessai o Jordão... Não Recueis”	

Semana de Reavivamento.....	dezembro
-----------------------------	----------

Leituras da Semana

6ª-Feira – A Perspetiva Veterotestamentária da Responsabilidade Social
Sábado – Eu Estou Comprometida com a Missão. E Você?
Domingo – O Senhor dos Invisíveis
2ª-Feira – A Perspetiva da Responsabilidade Social na Igreja Primitiva
3ª-Feira – Reparadores de Brechas
4ª-Feira – Alívio do Sofrimento na Vivência do Cristão
5ª-Feira – Visita aos Enfermos e aos Reclusos
6ª-Feira – O Serviço na Missão
Sábado – O Cuidado Especial Perante uma Sociedade Envelhecida

Semana de Oração.....	setembro
-----------------------	----------

Introdução – Saudações do Presidente
Mensagem do Presidente da Divisão Inter-Europeia
Mensagem do Tesoureiro da Divisão Inter-Europeia

Leituras da Semana

1º Sábado – Poder para Acabar o Trabalho
Domingo – “Eu Sabia que Vinhas”
2ª-Feira – “Só Tu És Digno”
3ª-Feira – “Então, Como Devemos Esperar?”
4ª-Feira – “Os Teus Filhos e as Tuas Filhas Prosperarão”
5ª-Feira – “Cristo em Nós, a Esperança da Glória”
6ª-Feira – “O Maior Terror – a Maior Esperança”
2º Sábado – “O Conflito Terminou”

O Cantinho das Crianças

Leituras da Semana

1º Sábado – Uma Voz Forte
Domingo – Escola das Boas-Novas
2ª-Feira – Preparando-nos
3ª-Feira – Prova
4ª-Feira – Esperando a Colheita
5ª-Feira – Um Lugar Seguro
6ª-Feira – Adora o Criador
2º Sábado – Viver para Todo o Sempre

TEOLOGIA

As Cartas às Sete Igrejas – Históricas ou Proféticas?.....	janeiro
Tem a Data 1844 Fundamento Bíblico?.....	fevereiro
Os Melhores e os Mais Brillantes.....	março
O Dom de Línguas no Pentecostes.....	abril
O Remanescente de Deus do Tempo do Fim.....	junho
Os Quatro Impérios de Daniel 2 – Parte I.....	outubro
Os Quatro Impérios de Daniel 2 – Parte II.....	novembro

VIDA CRISTÃ

Casada Mas Sozinha no Sábado – Viver com um cônjuge descrente.....	abril
Os Braços Levantados de Moisés.....	junho
Como encontrar Equilíbrio na Vida Cristã?.....	novembro

VOZES DA IGREJA

O Espírito de San António.....	novembro
--------------------------------	----------



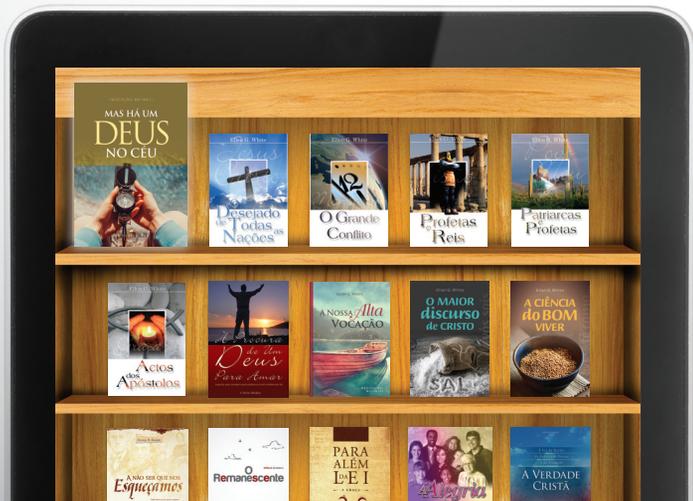
WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT

• VISITE O SÍTI O DA SUA PUBLICADORA •



Coleção "O Grande Conflito"
Ellen G. White

CONHEÇA OS E-BOOKS DISPONÍVEIS!



Siga a Publicadora SerVir nas **redes sociais!**

Publicadora **SERVIR**

twitter.com/PSerVir
facebook.com/PSerVir